

Campus

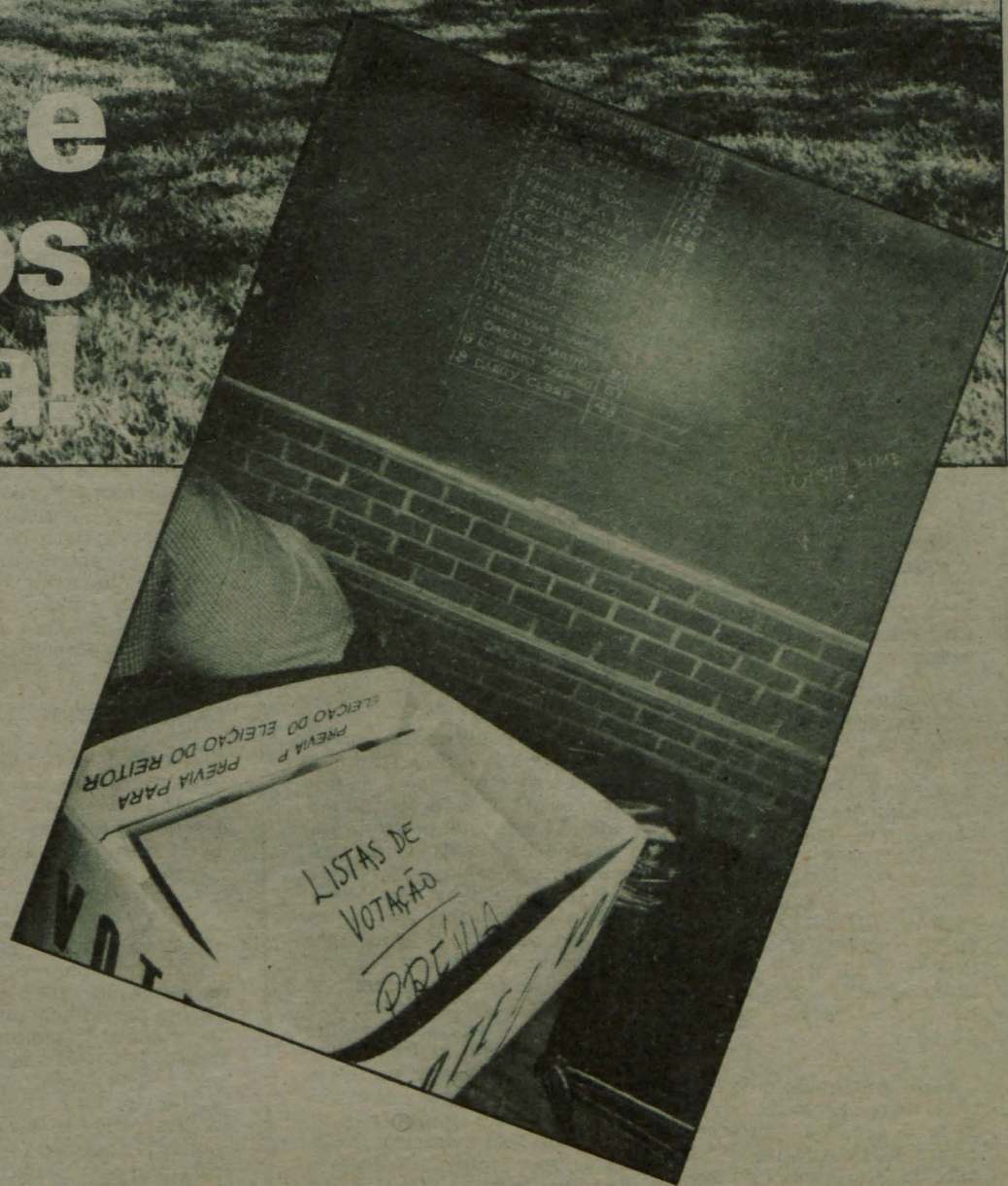
Jornal-laboratório do
Departamento de
Comunicação da UnB.
Nº 63 Segunda quinzena
Maio de 1984

Luíza Venturelli



Professores e alunos: todos votam agora!

Está configurada a vitória do movimento docente da UnB: 80% dos professores compareceram às prévias, nos últimos dias 9 e 10, para indicar os nomes de sua preferência. Agora, os doze candidatos mais votados concorrerão, no segundo turno, entre os dias 21 e 25 de maio, quando alunos e professores unidos elegerão os seis nomes definitivos. Debates e mesas-redondas permitirão à toda comunidade universitária conhecer o perfil acadêmico e político dos reitoráveis. A participação concreta dos alunos se dará a partir das decisões do Congresso Universitário. Cobertura completa nas páginas centrais.



Apesar deles, a luta continua

A euforia da Emenda Dante de Oliveira passou. Mas a vontade de lutar do povo brasileiro permanece ecoando nos gritos dos comícios que reuniram milhões de pessoas, no protesto sonoro de buzinas e panelas, nas luzes apagadas, nas marcas de agressividade deixadas pelo General Newton Cruz, em nome das chamadas "medidas de emergência", e no último e ordeiro lamento de frustração, nas galerias do Congresso: "A luta continua".

Norte

minhocão

Sul

Agenda

15 a 30/05 - Inscrições para fiscal do segundo vestibular de 1984. Informações na COPEVE.

29/05 a 04/06 - Solicitação no DAA de confirmação de pré-opção 1/84.

10 a 13/07 - Vestibular.

• Será realizado nos dias 8, 9 e 10 de junho, no CEUB, o III ERECOM (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação) que engloba as escolas de Comunicação de Brasília (UnB e CEUB) e Goiás (UF-GO). Na abertura, sexta-feira, dia 8 à noite, haverá uma grande mesa-redonda sobre a comunicação no centro-oeste. No sábado, os estudantes vão discutir a implantação do novo currículo e no domingo a preparação para o ENECOM (Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação), procurando unificar as posições dos estudantes do Centro-Oeste.

A comissão organizadora do VIII ENECOM, que se realizará de 16 a 22 de julho, em Fortaleza, está aberta a todos os estudantes de comunicação e avisa que quem quiser participar deve comparecer às reuniões que realiza aos sábados pela manhã no Centro Acadêmico de Comunicação da UnB.

Ainda sobre o ENECOM, o Núcleo de Fotografia da UnB informa que estão abertas até o dia 15 de maio as inscrições para a I Mostra Nacional de Fotografia dos Estudantes de Comunicação Social que se realizará paralelamente às discussões do VIII ENECOM. Mais informações podem ser obtidas no Departamento de Comunicação da UnB com Armando ou Rodrigo, no C.A.

• O aluno que tiver concluído 50% dos créditos exigidos em seu curso, poderá se inscrever no MTR para estágio, visando à prática profissional.

Atualmente, há vagas para os seguintes cursos: Ciências Contábeis (CNP, MPAS), Comunicação (MPAS, SEMA, SUDECO), Biblioteconomia (MPAS, SIDERBRAS, TFR, INEP, CFP, TELEBRAS, CNPq), Eng. Civil (SEMA), Química (CNP, SEMA) e Eng. Elétrica (M.A., RADIOBRAS).

• O Departamento de Engenharia Civil promove nos dias 22 e 29/5 e 5/6, juntamente com o IBRACON/DF e o Comitê dos Professores de Materiais de Construção (COPMAT), o 1º Ciclo de Palestras de 1984. As conferências serão dadas no Auditório da Engenharia Civil e as inscrições poderão ser feitas na Secretaria do Departamento.

As palestras seguirão a seguinte ordem: dia 22/5, às 8h, "Instrumentação de Estruturas", com João Carlos Teatini Climaco; às 10h, "Blocos de concreto para Alvenaria", com Antônio Campolina; dia 29/5 às 8h, "Plasticidade e fragilidade de concreto" com Marcelo da Cunha Moraes; às

10h, "Princípios de execução do concreto-massa" com Selmo Chapina Kuperman; dia 5/6 às 8h, "Controle de materiais e serviços em obras de edificações", com José Wilson Corrêa, e às 10h, "Inspeção do Concreto", com Francisco Gladston Holanda. Aos participantes do ciclo com mais de 80% de frequência serão fornecidos certificados.

• Sempre às terças, das 16 às 18h, na sala de reuniões do Departamento de Economia, os interessados poderão assistir aos seminários promovidos regularmente pelo ECO. Para o próximo dia 22, está confirmada a presença do professor Renelson (CNPq), que vai discutir sobre o "Desenvolvimento Econômico e a Capacitação Tecnológica em Economias Periféricas: A Industrialização no Vale do Itajaí". No dia 29 será a vez do professor Isaías Coelho (Secretaria da Receita Federal) que deverá abordar o tema: "Economia Internacional - Aspectos Teóricos", ainda sujeito a confirmação.

• Como toda a universidade, os Concertos Semanais da UnB também voltaram a atividade depois das paralisações. Os concertos reiniciados no último dia 11, prosseguem todas as quintas-feiras no horário de 10 e 30 no Auditório do Departamento de Música. A programação para o restante do mês será a seguinte: dia 17, Concerto de Oboé; Clarineta, Fagote e Piano com obras de Rivier, Villa-Lobos e Poulenc; dia 24, Trio de Brasília composto de violino, violoncelo e piano; dia 31, Collegium Musicum-Coro e Instrumentos.

• Saiu o resultado do concurso de contos do Departamento de Letras. Finalmente, já mudamos até de estação. Conforme já anunciado neste jornal, quando do resultado do concurso de poesias, o de contos, chamado "Edgar Allan Poe", premiará os três primeiros contos, que são: 1º **Monólogos da Noite**, 2º: **Últimos Vincos**, 3º: **Um Exercício do medo**. A comissão julgadora, composta por Alan Viggiano, Almeida Fischer e Branca Bakaj, demorou tanto a divulgar o resultado que... nossa quase não saía. Vale lembrar que, além dos três primeiros, mais 17 serão reunidos em livro a ser editado pela UnB.

• IV Semana Agronômica, promovida pela Escola Superior de Agronomia de Paraguru Paulista, no período de 21 a 26/05/84. Cursos a serem ministrados: agricultura alternativa; bovinocultura; cafeicultura; controle biológico; equinocultura; cana-de-açúcar; fitossanitária; fruticultura; fitopatologia; herbicida; mecanização agrícola; silos e armazéns; conservação de solos. Local: Granja Mizunoto - Assis, SP. Inscrições: 2 a 19/5.

RELATORIO GERAL DA FUB!

Prós e contras

A UnB acaba de divulgar o resultado do Relatório Geral de Atividades 1983 da FUB, no qual consta, entre várias outras informações, a produção científica dos professores durante o ano.

Apesar de ter havido uma redução de 109 trabalhos em relação ao ano anterior (1982), o professor Amadeu Cury, decano de Pesquisa e Pós-Graduação, não classifica essa redução como negativa. Segundo afirma no relatório, houve uma intensificação

no desenvolvimento da pesquisa, tanto em quantidade quanto em qualidade no ano de 83, isso graças aos convênios firmados entre a FUB e entidades como a GAPES, FINEP, CNPq, MEC, IBDF, OMS, EMBRAPA, INAMPS, INL, CEME, entre outras, num total de 101, com uma verba de Cr\$ 1.040.865.000,00 representa 5% do orçamento da FUB, da qual 33% ou Cr\$ 343.485.450,00 foram destinados ao campo da pesquisa.

Mas, alguns Departamen-

tos, como o de Letras e o de Engenharia Civil, alegam falta de apoio para veiculação dos trabalhos, tanto material quanto financeiro. "A Universidade exige que o professor produza mas não o incentiva e nem lhe oferece um período no qual possa publicar os seus trabalhos". Nessa perspectiva, a Editora da UnB vem sofrendo críticas à sua política de publicações, já que não aproveita o material produzido aqui. (ROSANI APARECIDA)

Reitoria dá verba para DCE e CAs

Tudo indica que, finalmente, as entidades estudantis da UnB comecem a ser reconhecidas pela Reitoria. Quem folhear o Programa de Ação da UnB para 1984 verá entre as várias verbas aprovadas, uma, cujo montante chega a 190 milhões de cruzeiros (170 milhões da FUB e 20 milhões da Cla. Sul-América de Seguros), destinada ao DCE e aos Centros Acadêmicos dos departamentos.

Desse dinheiro, a maior parte - 70 milhões - é para a construção de um centro de vivência, ao sul do Bandeirão, polivalente, que poderá servir para hospedar estudantes de outras universidades em trânsito, exibição de filmes, exposições, entre outras coisas. O projeto está sendo desenvolvido pelo Departamento de Arquitetura.

LABORATORIOS

A segunda maior verba - 60 milhões - será utilizada para a construção de laboratórios e escritórios-modelo para que os estudantes dos vários departamentos possam praticar o que aprendem.

Os CAs não terão mais dificuldades para ir aos encontros nacionais de estudantes de seus cursos. Quarenta milhões foram destinados para financiar a ida a estes encontros, incluindo o Congresso da UNE. Cada Ca poderá indicar dois encontros por ano e o DCE distribuirá, então, o dinheiro, de acordo com o tamanho das comissões que serão mandadas. Este item deverá causar polêmica. Um membro de uma tendência que não estará na diretoria do DCE na próxima gestão já se manifesta contrário a esta centralização na mão do Diretório Central dos Estudantes. Para ele, cada CA deveria gerenciar o dinheiro que lhe cabe.

O resto da verba será para a realização de atividades esportivas, sociais e culturais da UnB. Para a liberação da verba, a reitoria só está esperando a posse da nova diretoria do DCE. Depois disso, as entidades estudantis não poderão mais reclamar de dificuldades financeiras. Ao que parece, os ventos democráticos que sopram pelo país não se esqueceram de passar por aqui.

Os alunos e professores do curso de Sociologia estão preocupados com a ausência de um C.A. naquele departamento, já que o mesmo ainda está ligado ao CACISSO. Na opinião

do chefe do Departamento, professor Élio Gonzales, esta pode ser a sua causa maior da desmobilização dos alunos, havendo a necessidade de uma assembléia para a formação de um novo C.A. O que deverá ocorrer em breve.

ECONOMIA

Munhoz adverte: inflação não cai

O elo entre a situação econômica brasileira e a Universidade de Brasília é o Departamento de Economia. Como a UnB não está alheia e nem flutua sobre a realidade do país, o chefe do Departamento, profº Dércio Munhoz, - que é o Reitorável-mais votado - em entrevista ao Campus, analisa a nossa propalada recuperação econômica e faz algumas advertências aos mais otimistas.

"O que estão anunciando no momento não passa de uma tentativa de criar um clima de otimismo, sem que tenhamos fatos que possam justificar um abrandamento da crise". Com esta advertência o professor Dércio lembrou aos mais otimistas e afoitos que uma recuperação econômica não acontece da noite para o dia, e que os indicadores de curto prazo - nos quais foram baseadas as estatísticas que fundamentam as especulações de reergulimento econômico - estão sendo utilizados de forma imprópria, pois es-

tes além de não serem de muita utilidade na economia, não levam em consideração fatores importantes como a sazonalidade. O profº ressaltou ainda que num país como o nosso, onde a política econômica é extremamente recessiva e voltada para o aprofundamento da recessão, a utilização dos indicadores de curto prazo não tem muito fundamento. Para esclarecer ele citou um exemplo: "as receitas de ICM caíram 20% em fevereiro de 83 e 15% no mesmo mês neste ano. Mesmo havendo uma diminuição na queda, esta ainda existe e consequentemente dá continuidade ao aprofundamento da crise". Em última análise, o professor Dércio voltou a advertir que "a situação atual existe e perdura em razão de variáveis reais e não de expectativas do governo ou dos empresários. Não é vendo um anúncio na TV, onde todos são levados a crer que a inflação está caindo, que vai fazer com que ela caia", concluiu ele.

ESPAÇO

Reitor foi quem queimou as mãos

LAVINA RIBEIRO

Os desdobramentos da corajosa passeata dos alunos até a L-2 Norte, agora as gentis prisões e bombas de gás lacrimogênio dos nossos policiais, nos revelam, com muita clareza, o nível de solidariedade entre os diversos segmentos de nossa comunidade universitária. Quem primeiro se manifestou a respeito foi o ilustre desconhecido assessor de imprensa da UnB, Vicente Limongi Netto, na seção de Cartas ao Leitor do *Jornal de Brasília* de 3 de maio: "É conhecida a história do macaco que desejava tirar do fogo as castanhas que assava e, sabendo que ia queimar-se convenceu um gato a fazê-lo em seu lugar. O resto, todos sabem: o gato ficou com as patas queimadas e o macaco comeu as castanhas (...). A conclusão a que se chega sabendo que os professores da UnB, chefiados por um professor espanhol, foram à assembleia dos estudantes e se propuseram a acompanhá-los em passeata pelo campus e pela rua, é que esses professores ao "explicarem" aos alunos que seu protesto não se estenderia às ruas onde, aliás, a polícia aguardava os incautos, é que quiseram comer castanhas queimando a mão dos estudantes".

O professor Jorge Antunes da Música, aproveitou a fábula para dizer que o gato é o sr. Limongi que queima as mãos a fim de que o reitor Azevedo coma as castanhas. Na certa, mãos de alumínio altamente resistentes ao fogo já que, sem nenhum constrangimento, faz parte do cotidiano profissional do nosso assessor também escrever dezenas de cartas a todos os jornais do país, exaltando as indiscutíveis qualidades do sr. Paulo Maluf.

Se os argumentos são mentirosos, as suas conclusões são obviamente falsas. Primeiro porque os professores não são "chefiados"

como ele afirma, já que suas decisões são tomadas em assembleias por maioria de votos, invalidando por conseguinte seus preconceitos de nacionalidade. Em segundo lugar, os professores se propuseram em votação, não apenas a acompanhar os alunos, mas a participar da passeata dentro do campus universitário somente, não pela rua como quis o sr. assessor.

Este cidadão, que se prestou perante à opinião pública a ser porta-voz da Universidade, concluiu, claramente, que os alunos foram manipulados pelos professores. Na assembleia em que a matéria foi lida para os professores, apesar das gargalhadas, a indignação foi geral. Todos ofendidos com a possibilidade de se acreditar que eles teriam usado os alunos. E os protagonistas dessa história toda? Bom, que me perdoem os professores, mas em momento algum ouvi a indignação deles com a suposição dos alunos serem manipuláveis. Quem primeiro gritou naquela passeata "vamos até a L-2", não é nenhum "agitador conhecido", como muitos supuseram e como justificou o porta-voz do Planalto, Carlos Atila. Se quisermos falar em manipulação que a estendamos a toda nação brasileira. Porque quem dizia ser possível alguma coisa, agora nos abafa com panos frios negociando "nomes" e não verdadeiras mudanças.

Para entendermos o que levou tantos estudantes a agirem dessa e daquela forma é preciso, a princípio, abrir mão de julgamentos parciais e ver que eles não estavam isolados do emergente contexto brasileiro. E cada um combinou como pôde os elementos de uma complexa poção composta de entusiasmo, solidariedade, esperança, coragem, sonho, ilusão, medo, desejo de liberdade. Ingenuidade, carinho e essas coisas todas que, às vezes, não sabemos bem como lidar da forma mais lúcida possível.

O grito de gol calado

ULISSES LACAVA

Irracionalidade política, patética fidelidade ao mais impopular governo já aturado por este País em seus 484 anos de colônia, compromissos pessoais escusos ou medo do já tardio acerto de contas "revanchista", o motivo agora não importa. Com o resultado da votação da emenda Dante de Oliveira mais uma vez o Poder Executivo atingiu seus objetivos e o Legislativo pagou a conta, via desmoralização nacional do Congresso, patrocinada pelos deputados do Partido Democrático (?) Social que, através da mágica aritmética constitucional onde a maioria é minoria, fizeram morrer em milhões de gargantas brasileiras o maior grito de gol jamais visto em nossa triste história de república bananeira, maior talvez que os gritos somados de todas as Copas do Mundo.

Em nome da manutenção a todo custo de uma "revolução" tipicamente latino-americana, os parlamentares pedessistas foram a grande barreira policial que impe-

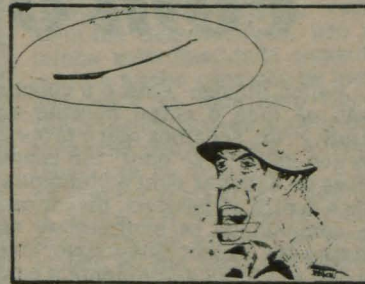
diu, ou melhor, adiou a marcha irresistível da democratização deste País, unido hoje do empresário ao favelado contra os absurdos de 20 anos de soluções e desmentidos verde-oliva. Unanimidade social que, a exemplo da atuação da Frente Suprapartidária, que veio mostrar o verdadeiro caminho para os partidos de oposição, contou com uma maciça adesão da classe Marcha-com-Deus-e-a-Família-pela-Liberdade média, estrangulada em seu poder de consumo pela "delfinização" da economia brasileira, um dos maiores legados de 64.

Mas nossa história, embora triste, não tem tão pouca memória como querem nossos nobres pseudo-representantes muito legitimamente eleitos pelo partido do Executivo. A guilhotina eleitoral de 86 saberá fazer justiça, apesar das línguas cortadas da imprensa e das promessas cintilantes de recuperação econômica de índices expurgados.

A luta continua. Quero crer que Brasília, um dia, ainda será uma cidade digna de se morar.

MURO

Cuspe nos porões



O que estará acontecendo nesse momento nos porões da repressão?

Os estudantes presos, fantasmas de um período negro e recente de nossa história (que aliás, esquecemos mais depressa que uma decisão do campeonato nacional de truco, ou palitinho, ou futebol, ou cuspe à distância, ou...) sempre se fazem essa pergunta: o que estará acontecendo nesse momento nos porões da repressão?

Na verdade os fantasmas estão sumindo, aos poucos vemos todo o povo brasileiro voltando a pensar, a raciocinar e mais: usando todos os meios e formas de comunicação já existentes e que vêm criando na busca desesperada para voltar a poder decidir sobre seu próprio futuro e sua vida. Assim vimos o verde-amarelo estampado por todos os lados, assim ouvimos as buzinas contra as armas do poder, assim vimos o Dragão das Diretas e o povo na rua sem medo, cantando o Hino Nacional dentro do Congresso após a derrota da emenda Dante. Tudo isso contra o "frágil" esquema de segurança armado colocado a serviço da manutenção da ordem em Brasília (e em todo país "para evitar a coação dos

parlamentares" por grupos radicais de esquerda) por parte do "EXECUTOR" das medidas de emergência.

Como se não bastasse o cerco a Brasília, como se não bastasse a violação das imunidades, como se não bastasse a censura ao rádio e a TV, o general Newton Cruz, e "EXECUTOR" das medidas de emergência, mandou prender — ao final do incidente entre os alunos da UnB e agentes da polícia federal — com certeza visando a algum interrogatório — um par de muletas de uma estudante deficiente (e, de acordo com a LSN, ficaram presas e in-comunicáveis).

Nos resta apenas perguntar: o que estará acontecendo nesse momento nos porões da repressão? Cid Furtado Filho

Julgamento de Nuremberg no alojamento

Comumente ocorre no alojamento estudantil desta universidade conflitos gerados por vários motivos, em sua maioria por valores morais divergentes, advindos de bagagens culturais diversificadas. E que muitos dos alunos, por não receberem um ensino que lhes permita perceber criticamente sua realidade, não conseguem encontrar soluções pouco traumáticas para seus quiproquós. Convocada uma assembleia de moradores dia 3 passado para discutir a questão, esta transformou-se em um patético julgamento do caso do ap. 209 - B. As propostas apresentadas (moralização, expurgo, intervenção policial, etc) referendadas por um número significativo de pessoas, têm-nos deixado bastante apreensivos. Caso sejam estas as intenções da maioria dos moradores, a transferência da administração do alojamento para a Associação dos Moradores pode significar a possibilidade de medidas ainda mais reacionárias que as promovidas pela reitoria. O resultado do "julgamento" precisa ser repensado pela comunidade. (Edil, da História)

Nesta edição, o *jornal Campus* convida todos a tomarem seus lugares nessa viagem retrospectiva aos nebulosos dias de emergência. Em especial, a editoria da UnB quer agradecer aos professores e alunos que colaboraram com seus valiosos depoimentos. E dizer como foi difícil selecionar, organizar, cortar (por falta de espaço) e arrumar tudo da forma mais rica possível. A boa novidade é o aumento no número de páginas e na tiragem, conseguido depois de muita conversa junto à reitoria, abrindo mais espaço para quem informa e para quem quer informar. (Lavina Ribeiro)

Imaginem 100 deficientes, pacientes psiquiátricos deixados sem roupa, visita, material para recreação e atividades reintegratórias à sociedade. Pois essa instituição existe e se chama Casa de Repouso São Judas Tadeu, fica na periferia (é claro), no Gama e está sem diretoria efetiva. Quem está tentando tomar conta do drama são os poucos cardiologistas, psiquiatras e psicólogos que ainda bravamente mantêm-se sem receber um centavo e agora apelam por roupas, tintas guache e o que puder. Quem puder ajudar, existe uma caixa no C.A. da Psicologia que semanalmente é recolhida com as contribuições. (Peninha).

Canto de galo na redação

Uma interessante e misteriosa coisa aconteceu na redação: uma placa com uma pena pendurada, na editoria de Comunidade, com os seguintes dizeres: "Comunidade, onde todos querem cantar de galo". Mas galo?, pergunto para este malfetor que produziu misteriosamente aquela placa. Diga

lá, meu irmão! Acho que galinha caía melhor, pois as galinhas põem ovos, produzem alguma coisa. Ah! Desculpem... Esqueci o que era produzir, quando estava por aquelas "bandas". (Carlos Augusto de Amorim Dutra).

Campus

e Leda Maria Sampaio (Nacional); Marta Amália Bezerra (Internacional); Maria Cristina Bezerra e Walcymara Santiago (Ciência); Anand Rao e Jurema Campos (Cultura).

Redação: Adalberto Passos, Afonso Cozzolino, Ana Cristina Alves, Ana Cristina Dias, Benedito Eustáquio, Carlos Alberto de Carvalho, Carlos Augusto Dutra, Carlos Penna, Cid Furtado Filho, Cid Queiroz, Denise Adrino de Roure, Dinalva Ferreira, Jair Barbosa Jr., Josué

Benitz, Luiz Carlos Queiroz, Luísa Modesto, Maria de Lourdes Tavares, Marina Maria Martins, Marta Crisóstomo, Nevinho Alarcão, Rejane Pretti, Silvana de Freitas, Thais Bastos e Ulisses Lacava.

Minhocão Norte-Sul: Alunos de Redação de Jornalismo.

Fotografia: Marta Alejarra, Nicolau Elmoor e Rodrigo Mesquita.

Laboratorista: Jeová Xangô.

Ilustrações: Edson Fogaça. A foto do selo "A luta continua" é de Elza Flúza.

Professores sem diálogo com o reitor

Luiza Venturelli

Faltou diálogo. Esta é a conclusão de todo o corpo docente da UnB. "Nós achamos que o próprio reitor deveria se opor, ter condições de dialogar com a comunidade e dentro do possível, deixar que a comunidade se expressasse da forma que melhor entendesse. Mas o que se viu foi exatamente o contrário." A afirmação é do professor Antônio Ibañez, presidente da Associação de Docentes da UnB (ADUnB), que continua: "Se fosse um outro reitor, teria havido discussão antes de ter sido decretado o recesso; a invasão não teria acontecido, pois evidentemente ele teria impedido a qualquer custo aquilo lá."

Segundo o porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Atila, a presença do aparato militar no campus universitário fora pedida "pelas próprias universidades ao comandante militar do Planalto, general Newton Cruz". Desmentindo o porta-voz, o reitor José Carlos Azevedo, em entrevista à imprensa, negou que em qualquer momento tenha requerido tal aparato. Prestem atenção ao seu balanço dos últimos acontecimentos, publicado pelo **CORREIO BRAZILIENSE** no dia 3 de maio. "Talvez tenham se esquecido de que a universidade também estava sob o efeito das medidas de emergência. De tal maneira, a necessidade de dar o recesso, a necessidade imperiosa de impedir a ida da polícia ao campus para proibir a realização de manifestações não autorizadas, foi a única saída." A única saída encontrada por ele, José Carlos Azevedo e pelos seus colaboradores diretos.

Em entrevista ao nosso repórter Carlos Augusto de Amorim Dutra, Azevedo disse textualmente: "Não tenho nada com isso. A medida administrativa necessária, o recesso de três dias, foi tomada após uma reunião do Conselho Diretor. Esse Conselho soube das reuniões que aconteceriam na UnB sem a prévia anuência do executor das medidas no Distrito Federal, o que tornaria a instituição vulnerável, passível de providências não administrativas, que escapariam ao seu controle. E se eu não houvesse decretado o recesso?" Ele mesmo respondeu: "A polícia tinha entrada no campus."

REPÚDIO

As dezenas de notas de repúdio divulgadas pelos professores, através dos seus departamentos, faculdades e institutos, denunciaram a falta de diálogo. Nas notas, o que de triste aconteceu à comunidade universitária é de responsabilidade do reitor, porque ele tomou as decisões, porque o que aconteceu foi decorrência da falta de coesão entre a administração central e a totalidade da comunidade universitária. Valem duas breves ilustrações, dois momentos em que o reitor convoca à sua presença alguns representantes dessa comunidade.

Fatos: Dia 27 de abril, sexta-feira, reuniram-se na reitoria um representante do DCE, o vice-presidente da UNE, decanos e diretores de institutos. O reitor explicou aos presentes que "ele não faz as leis". Devido às medidas de emergência, as reuniões e assembleias deveriam ser canceladas e

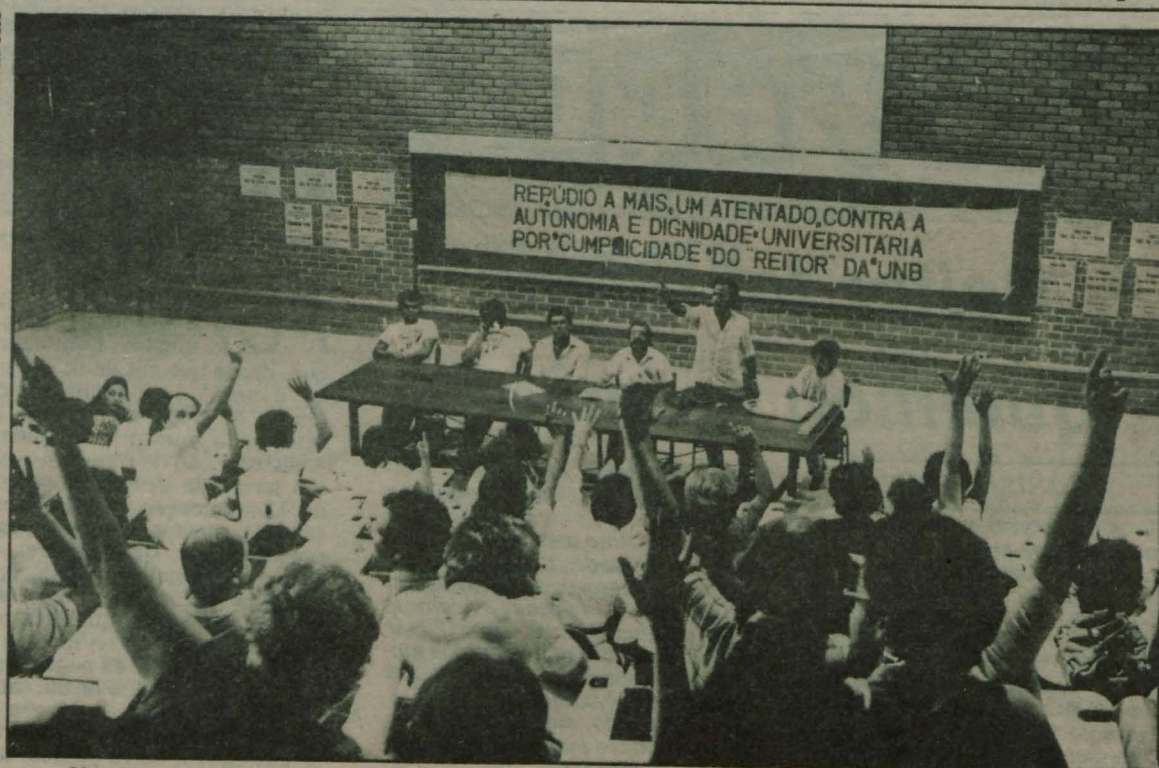
as aulas retomadas. (Lembrem-se de que, nesse mesmo dia, três alunos foram presos e a Ministra da Educação, Ester Figueiredo entrou em cena no Palácio do Planalto, para afrouxar as). Dia 30 de abril, segunda-feira. O reitor novamente convocou os diretores de Institutos e Faculdades para apenas comunicar que "graças à sua intervenção", o general Newton Cruz permitia a realização da assembleia marcada para quarta-feira próxima. Na ocasião alguns professores expuseram as posições tiradas em suas assembleias, numa colocação unilateral, já que o reitor ouviu a tudo sem qualquer comentário. Diálogo? Responde o professor Ibañez: "Qualquer diálogo com a administração é sempre bom, mas esta sempre se nega ao diálogo. Se existisse diálogo as coisas seriam colocadas no papel e se chegaria a um denominador comum. Até agora nós vimos que as coisas são feitas sob pressão."

VAMOS AOS FATOS

Estamos agora em pleno dia da votação da emenda Dante de Oliveira. Nas ruas, cercos policiais, prisões, bombas de gás lacrimogênio, estudantes sendo espancados em colégios, etc. A ADUnB contata os professores por telefone para uma assembleia a ser realizada na sede da Ordem dos Advogados do Brasil. Audaciosamente, os professores publicam no **CORREIO BRAZILIENSE** do dia um convite à toda comunidade. A assembleia é realizada com mais de 150 assinaturas. Segundo o professor Volnei Garrafa, foi "uma demonstração de que a resistência estava viva dentro da Universidade de Brasília."

Neste mesmo dia quatro professores secundaristas são presos ao buzinares seus carros na 505 sul. Presos e levados à 1ª Delegacia de Polícia para celas de presos comuns. Segundo o professor José Libério Pimentel, presidente do Sindicato dos Professores do DF e também preso, o diálogo na Polícia Federal, onde foram interrogados durante toda a noite, foi "regado a palavrões e desrespeito." Os professores foram soltos apenas na manhã do dia seguinte, graças à valiosa ajuda dos advogados da OAB.

A passeata conjunta de professores e alunos no dia 27 de abril também não passou impune. Na segunda-feira seguinte, dia 30 de abril, foram chamados a depor no Departamento de Ordem Política e Social — DOPS, o professor Antônio Ibañez e o professor Carlos Alberto Lima Torres, do Departamento de Administração. Ambos ameaçados de indiciamento nos artigos 22 e 23 da Lei de Segurança Nacional, que se reportam à propaganda e incitamento da ordem política e social. Por que só os dois, se haviam mais 150 professores na passeata? De todos os segmentos da sociedade partiram demonstrações de solidariedade e inconformismo com o indiciamento. Atualmente o Inquérito está em andamento. Para os professores da UnB, o fato parece mais se propor a ameaçar a solidez do movimento docente. Uma tentativa de gerar medo no momento em que todos estão engajados na escolha do novo reitor. (Lavina Ribeiro).



Na assembleia do dia 27, mais de 200 professores dizem "não" às medidas de emergência na UnB

CO e Colina sob o recesso

Na semana em que as "Diretas-Já!" entravam em sua reta final, foi decretado na UnB, um estado-de-coisas se não igual ao de emergência, pelo menos proporcional a este: o "estado-de-recesso", abrangendo toda a Universidade. Professores, alunos e funcionários foram obrigados a se exilar fora da Universidade, entre o dia 23, 2ª feira à tarde, e o dia 27, 6ª feira pela manhã. O "executor" dessas medidas era mais uma vez o próprio Reitor José Carlos Azevedo, alegando como motivo a possível repetição da assembleia dos estudantes realizada na 2ª feira, e a consequente invasão docampus por ordens do outro executor, o das medidas de emergência.

Interditada a UnB, somente entravam, os moradores da Colina e do C.O., que tinham acesso às suas casas mediante apresentação de documentos comprobatórios daquela condição. A entrada de veículos estava proibida, comprometendo diretamente o ceolno, que depende do ônibus linha UnB, impedido de circular até a L-4. A circulação do coletivo só foi reestabelecida depois, no período noturno, das 18h00 às 24h00.

MEDO E TENSÃO

"O problema maior foi o constante medo e tensão", desabafa Gilmar José Rocha, o Magal da Física. "Por estar isolado do Plano, o C.O. é um local de moradia cheio de particularidades. Temia-se uma invasão do alojamento como em 77, sem que ninguém viesse a saber muito menos a opinião pública". Magal lembra que várias viaturas policiais eram vistas na zona do campus.

Muitos moradores do Centro Olímpico, principalmente aqueles que têm parentes no D.F., ou em cidades próximas como Anápolis e Goiânia, Formosa, e Unai, deixaram o alojamento visivelmente preocupados. Essa fuga da repressão policial, constituía-se num verdadeiro "êxodo", pois enquanto uns saíam por não ter condições financeiras para se manterem na cidade, outros, em maior número, retiravam-se por não ter, segundo Magal, "uma consciência crítica da realidade política por que passa a comuni-



dade universitária, a população candanga e o povo brasileiro".

Na visão de Gilmar, da qual compartilha inteiramente uma funcionária da limpeza interna, o recesso aumentou a insegurança dentro da Universidade e também o número de viaturas de patrulha, — os "camburões cheios de meganhas" no dizer da mulher —, em constantes rondas nas proximidades do C.O. sem contar os bloqueios das entradas da UnB.

Para complicar mais ainda a vida do estudante dependente da Universidade por uma ou outra razão, além da biblioteca, também o Bandeirão foi fechado logo depois da ordem de recesso. Mais uma vez o morador do C.O. e outros tantos ficaram ao Deus dará, sem alimentação. Um grupo de ceolnos integrantes da AMAE — Associação dos Moradores do Alojamento Estudantil — convervou com o professor Gentil e este, acatando a reivindicação dos estudantes, prontificou-se a fornecer as refeições em marmiteix, gratuitamente a todos os moradores, durante todo o período em que o Bandeirão permaneceu fechado. Sobre a comida servida, uma opinião unânime: era uma marmiteix de qualidade e sabor bastante duvidosos, o que no entender dos estudantes fazia recordar com saudades o velho bandeirão.

Outro dado interessante foi o trabalho redobrado do SPP — Serviço de Proteção ao Patrimônio, encarregado de coletar nomes e números de identidades de todas as pessoas que passavam no minhocão. Um exemplo disso aconteceu no Departamento de

Física, onde os alunos que têm sala de estudos foram barrados, tendo seus nomes anotados várias vezes. Segundo Geraldo Silva, estudante do 8º semestre de Física, ele sofreu duas constrangedoras abordagens.

A VIDA SOB O CERCO

"Não houve ostentação de armas, nem violência por parte dos policiais durante o cerco. Eles pediam comprovante de residência, que podia ser uma conta de luz, água, telefone ou qualquer outra. O chato é que tínhamos que parar, mostrar documentos, apresentar comprovação de residência, e isto levava tempo. Chegou a um ponto em que não queríamos sair, só de pensar em como seria a volta", diz Alice Lima, esposa de um funcionário da Universidade, residente na Colina.

Nos menores aspectos a vida dos moradores foi alterada. Impedidas de entrar na Colina, as Kombis escolares não puderam recolher as crianças para as aulas, o que levou algumas escolas a decretarem feriado durante a semana. Visitantes eram proibidos, fossem eles parentes ou amigos.

Júlia, ajudante doméstica, conta que à noite o cerco desaparecia: "Nós voltávamos da escola e nenhum documento era pedido. A gente estranhava não haver nenhum policial, porque não é à noite que tudo é mais perigoso?"

Como em várias quadras de Brasília, a Colina também contou com as "paneladas" das crianças, que aproveitaram a festa para fazer desenhos no asfalto. Não faltou o bonequinho dizendo "diretas", dentro de um balão de quadrinhos. "Era cômico ouvir meu filho Felipe dizendo *diretas já*", conta Adriana Saraiva, esposa do professor Peter Cope, da Antropologia. Felipe tem dois anos de idade.

"Faltou sintonia entre os policiais", lembrou Adriana. "Nos mandavam de uma entrada para outra dizendo estar aquele acesso fechado. Houve um dia em que rodamos as três vias de acesso à Colina e em todas nos diziam para tentar a próxima. Não entendi a tática deles, mas se foi a de nos cansar, eles conseguiram". (Bené Eustáquio e Thais Bastos)

Emoções novas e imortais



Cronologia dos fatos

Março: Marcação da data de votação da emenda Dante de Oliveira para 25 de abril. Marcação simultânea pelo Comitê das Diretas de um comício na Torre de TV, dia 24. Instalação das primeiras barreiras nas estradas do DF. A polícia informa que trata-se de operação de "rotina".

Abril: Dia 17, chegada da caravana das mulheres para fazer pressão sobre parlamentares. Dia 18, quarta-feira santa, 18 horas, decretação das medidas de emergência em Brasília e partes de Goiás. Dias 19 a 22 de abril, feriados. Proibição do comício da torre.

Dia 23, segunda-feira, assembleia-geral da UnB, marcação do comício da torre para o campus universitário no dia seguinte. Decretação de recesso por parte do Reitor. Cerco da UnB. Assembleia-geral da UDF, saída em passeata até a faculdade Dom Bosco, via Colégio Leonardo da Vinci. Ato público dentro da Faculdade, continuação da passeata até a W-3. Encontro com as tropas de choque e com o general Newton Cruz.

Dia 24, terça-feira, concentração no Congresso Nacional. Prisões momentâneas, começa o "buzinaco". Durante a tarde e à noite o buzinaço, as manifestações estudantis dentro do Congresso são constantes. O Gen. Newton Cruz, auto-denominado "o executor", intercepta pessoalmente na Esplanada dos Ministérios os carros que portavam plásticos e adesivos das diretas. O engarrafamento proposital da Esplanada só é esvaziado às 22 horas.

Dia 25, quarta-feira, dia da votação. Os estudantes escrevem com os corpos as palavras "DIRETAS JA" em frente ao Congresso. À noite, repetem o feito segurando is-

queiros, fósforos e velas. Dentro do Congresso os estudantes organizavam grupos de pressão. Ao final da sessão, configurada a derrota, cantaram das galerias o hino nacional.

Dia 26, quinta-feira às 02 da madrugada, as televisões recebem autorização para transmitir o resultado. Às 3 horas, "o executor" perfila a tropa e grita tres hip-hip-hurra.

Dia 27, sexta-feira, final do recesso das Universidades do DF. Realizam-se duas assembleias na UnB, uma de professores e outra dos alunos. Professores e alunos saem em passeata pelo campus. Os alunos continuam a passeata pela L-2. Em frente ao Colégio da Asa Norte param e cantam o hino. Policiais lançam bombas de gás lacrimogêneo. O presidente da UNE e dois outros estudantes são presos. Nova assembleia-geral decreta greve até a "libertação dos companheiros presos e fim do estado de emergência". A Ministra da Educação intercede em favor dos estudantes e mais tarde rompe-se a incomunicabilidade dos presos.

Dia 30, segunda-feira, eleição do comando de greve nos departamentos.

Dia 1º de Maio, terça-feira, feriado, manifestações proibidas.

Dia 2, quarta-feira, nova assembleia em que é lida uma autorização do "o executor", liberando a reunião, lida em seguida de outra nota, do Comando de Greve, explicando que nunca se pediu autorização para se realizar assembleia na UnB. Fim do estado de Emergência às 14 horas.

Dia 3, quinta-feira, ato público no Congresso com os presos recém-liberados.

Dia 7, segunda-feira, final da greve e início da campanha de eleições para Reitor.

No mês de abril Brasília completou mais um ano de existência mostrando ao Brasil que está viva. Desafiando todo preconceito que a coloca como uma cidade sem alma, e ainda as medidas de emergência, sua população declarou-se pelas "diretas já". Em todas as manifestações os estudantes foram de importância vital. Na maioria dos comícios e passeatas, os estudantes universitários foram uma presença marcante. Geralmente, estes alunos experimentaram uma quantidade enorme de novas emoções. E estas só podem ser explicadas por quem as vive.

A afetividade e o civismo ficaram mais à flor da pele, após a decretação das medidas de emergência e do fechamento do Campus da UnB: "Havia uma união muito forte. As pessoas saíram da assembleia do dia 23 com muita vontade de participar do comício aprovado para o dia seguinte. Esse comício recolocaria para a cidade, a possibilidade de realização de uma manifestação política popular. Era um movimento de cidadania mesmo. O cerco foi uma das repressões mais violentas, já que impedia o estudante de entrar na Universidade, e ter acesso ao que está escrito na Constituição, que é o direito de ir e vir". (Diogo Comunicação)

Não fosse desse mesmo dia, alunos da faculdade Dom Bosco, UDF e UnB foram dispersados violentamente por realizarem ato público em frente à W/3 Sul: "No momento que você vê do seu lado homens com metralhadoras e cães prontos para atacar, você se abala, fica tenso. É terrível". ("Yoshua-Pedagogia").

No dia seguinte o clima era o mesmo: "Chegamos ao Salão Negro daquele prédio alto que tampa a visão da praça do poder. Dentro, amontoados, estudantes, questões de ordem e os odiosos policiais federais que se disfarçam de universitários. Porta-voz dos deputados, Juruna, prevenia-nos do perigo que corríamos e da responsabilidade de nossos atos: nossa atitude naquela noite poderia por a perder todo um esforço feito pelas "diretas já". Na ocasião fiquei emocionado o suficiente para duvidar de minha impar-



cialidade no julgamento ideológico do índio". (Alessandro Comunicação).

Durante todo o dia 25, novas emoções continuavam a surgir dentro de cada um. Em frente ao Congresso, diferentes sensações nasciam: "Aquilo tudo me deu alegria, muita alegria de ver todo mundo lá, colorido, artistas, professores, estudantes, pessoas de diversas classes. Era uma irmandade muito grande". (Fernando-Psicologia).

"Quería fazer alguma coisa, fiquei algum tempo trazendo notícias da sala de imprensa da Câmara para a multidão reunida. O tempo foi passando e com ele veio o desgaste e o aquietamento. Pouco antes do início da votação consegui uma senha que permitia a entrada nas galerias. Eu seria uma das testemunhas da história, era uma mistura de homem mais feliz do mundo com um sério e circunspecto jogador que tinha apostado tudo, ao subir para o recinto lotado". (Ulisses Comunicação).

"Esperança, alegria, união. Senti aquele pessoal todo tomando consciência da vida que leva, do sistema. Uma emoção nova, muito original". (Guta-Musica).% e Depois, a sensação de que o espetáculo havia terminado. Ainda paradas, as pessoas iniciavam pouco a pouco o retorno a si mesmas, convictas de que nem tudo havia se esvaído para um caminho sem volta: "Quando a emenda foi rejeitada o sentimento de perda era muito

grande. Mas existia o amparo de, sei lá, quantos milhões de pessoas. Daí a forma de recomendar, de não parar nunca". (Heloisa-História).

"Desapontamento. Deixando o Congresso Nacional, meu sentimento era de completo vazio. Senti-me desrespeitado, não na minha individualidade somente, mas na minha condição de parte integrante de toda uma Nação frustrada em seus desejos de participação democrática. A impotência era, no meu interior, o que emergia de mais forte. O que senti, enfim, é a reversão de toda a minha crítica política: na emotividade eu me senti estrangeiro. Estrangeiro é quem se instala no poder e verdadeiramente não fala-se não ouve — a linguagem popular; seu desejo constante de democratização". (Márcio-Antropologia).

A participação e a mobilização haviam sido exaustivas, porém, não se esgotavam na rejeição. Os estudantes saíram para uma manifestação com a população na Avenida L-2 Norte. O clima de festa contagiava a todos que, da janela de seus edifícios ou somando-se aos que já iam a pé, extravasavam pacificamente seus desejos. Mas tudo era proibido. Quem tivesse vontade de externar o que lhe ia por dentro era brutalmente reprimido. Desse modo, o desfecho não poderia ser diferente. Tiros, prisões, gás lacrimogêneo e crianças hospitalizadas: "Medo, medo de cair, de perder pessoas, de não conseguir correr... Medo! Parece que a união, o sentir-se um, vai quebrando até ser esfarelado. Na hora da pancadaria é cada um por si mesmo. Senti tristeza por saber que o que estávamos fazendo era pacífico e de direito, por achar que temos o direito de expressar tudo o que sentimos". (Heloisa-História).

Cada brasileiro expressou que só nos cabe como povo e como Nação, o direito de ficar a Pátria. Na sensibilidade vivida com razão e fantasia se mostram os caminhos do ânimo grávido, fecundo. O desejo não foi em vão. No esplendor do Cruzeiro do Sul a mudança continua... Eterna... (Ana Cristina Braz e Josué Benitz).



Em passeata pela L2 Norte, alunos da UnB manifestam-se contra o cerco ao Campus universitário

Eu senti as emoções da votação das Diretas

— Você está na 203 Norte? Então venha aqui, agora, de coop e r s e possível! Procura a Fátima e pegue uma carta com ela.

Era a quinta vez que eu falava com a Presidente do Comitê de Imprensa, Vera Manzollilo, para obter uma credencial que me desse o direito de cobrir a votação da Emenda Dante de Oliveira, como repórter do **Campus**. Por sorte minha a sensibilidade jornalística da profissional falou mais alto. Foi assim que, às 17h30m do dia 24 de abril, cheguei ao Congresso Nacional.

Depois de passar no Comitê de Imprensa da Câmara e gabinete do Senador Henrique Santillo, dirigi-me ao 15º andar do Senado Federal, tentando vencer a insegurança que me afligia de ver aparecer, a qualquer momento, um desmancha prazeres cobrando o "registro de jornalista" — sem o qual diziam ser impossível a concessão do documento.

Já passavam das 19h30m quando o último protocolo de credenciamento foi preenchido. Mal pude conter a alegria. Por instantes esqueci dos empecilhos que enfrontei ao longo dos 15 dias de empenho no propósito de conseguir a credencial. O motivo do contentamento era justo. Pois se até a grande imprensa passou por dificuldades, os obstáculos criados para o nosso quinzenário foram bem maiores.

Entreguei, pessoalmente, carta ao Deputado Fernando Lira (PMDB-PE) e à Presidente do Comitê de Imprensa, assinada pelo Chefe do Departamento de Comunicação e Editor-Geral do **Campus** Murilo Cesar Ramos. Recorri a senadores, deputados, jornalistas e amigos influentes dos Comitês de Imprensa (Câmara e Senado). Percorri todos os setores. Fiz uso de todos os argumentos.

A questão colocada era de como credenciar um estagiário de jornalismo, sem registro ou outro documento que desse respaldo aos responsáveis pelo andamento do processo, no caso de haver contestação.

Diante destes argumentos, lembrei com tristeza da lei que proíbe a contratação de estagiários pela imprensa escrita e o cerceamento de sua liberdade de trabalho como representante de um jornal laboratório-empecilho concreto à boa formação de qualquer profissional.

Felizmente, aquele assunto agora estava superado. Com a credencial na mão, poderia desfrutar no Congresso do único instrumento que me dava acesso a todos os cantos da Casa: comitê, plenário, galeria, salão, cafezinho, salas de lideranças de todos os parlamentares, e principalmente me conferia o direito de fazer, como estudante de jornalismo, uma cobertura séria do acontecimento político mais importante dos últimos tempos — a votação da Emenda que propunha o restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República.



PRIMEIRAS HORAS

A partir daquele momento cabia a mim, como única representante de um jornal universitário, fazer o melhor trabalho. E foi com esta disposição que às 7h30m da bonita manhã do dia 25 de abril, cheguei ao Congresso Nacional.

Corpo estufado para frente exibindo a credencial adesiva sobre a altura do peito direito, entrei, sem problema, pelo portão principal, desfrutando, pela primeira vez, o privilégio que aquele documento me conferia. Do lado de fora, alguns jornalistas tentavam entrar sem sucesso. Os guardas de segurança foram bem orientados — sem credencial nenhum jornalista profissional poderia entrar.

Subi as escadas que dão acesso ao amplo salão de carpete verde. Confesso que me senti um pouco

repórteres procurassem outras fontes de confirmação. O grupo se desfez com uma repórter do **Jornal do Brasil** me respondendo com certa má vontade o que o deputado acabara de transmitir.

No Plenário, o clima era um pouco diferente. Os poucos parlamentares que chegavam, se reuniam com o pequeno grupo frente à mesa onde circulava um documento no qual os oposicionistas reafirmavam "o compromisso com a luta pelas eleições diretas — já em todos os níveis, prosseguindo nela, sem recuos, em qualquer circunstância". Logo depois de ter lido para mim o primeiro parágrafo do documento, o Deputado Dirceu Carneiro (PMDB-SC) colocou sua assinatura falando da importância. Emenda Dante:

— Nós representamos o povo e o povo pede Diretas-Já. E uma aspiração de toda a população,

agentes policiais nas galerias, e denúncias de outros deputados a respeito do corte de telefones dos parlamentares oposicionistas, durante a primeira sessão daquela manhã.

Foi do Comitê que senti uma grande emoção, ao olhar para o lado de fora, na rampa gramada do Congresso e ver estudantes do curso secundário e universitário formando as frases Diretas-Já e Livres. Um espetáculo inesquecível. E naquela hora me perguntei se tal manifestação não sensibilizaria os pedessistas indecisos.

O ESTRELISMO E A FOCA

Para os funcionários responsáveis pela segurança, eu era mais uma, entre tantos jornalistas que chegaram para a cobertura da Emenda Dante de Oliveira. Mas para a maioria dos repórteres

pondente argentino foi mais longe. Qualificou a imprensa do Brasil como das mais difíceis e desabafou:

— Alguns periodistas, sobretudo os da TV, são muito metidos a besta. Não são bons companheiros.

GLÓRIA ANTECEDE REJEIÇÃO

O verdadeiro astro naquela tarde do dia 25, não foram os governadores que chegaram pela manhã, nem os atores que circulavam em todo o Congresso, muito menos os líderes dos partidos — e sim o autor da Emenda. Todos queriam conhecer Dante de Oliveira, apertar sua mão, desejar boa sorte. Senhoras respeitáveis, políticos de outros Estados — queriam saber quem foi que deu o primeiro passo para as diretas.

Se pela manhã, o clima foi de uma aparente tranquilidade, à tarde o ambiente era de verdadeira agitação. O Congresso Nacional qualquer lugar. Impossível encontrar um canto para descansar os pés. Tanto os bancos do salão verde, como do salão azul, e Comitê de Imprensa, tudo estava ocupado.

Na rampa, mais de cinco mil pessoas se concentravam. Faziam comícios, cantavam canções "Pra não dizer que não falei de flores" e "Pisa na Fulô", imprimiam faixas onde pediam: "Vote em Mim pra Eleitor". Jovens, crianças e velho de todas as idades manifestavam esse único desejo. O mesmo desejo que as pessoas que fervilhavam dentro do Congresso alimentavam: a aprovação da Emenda.

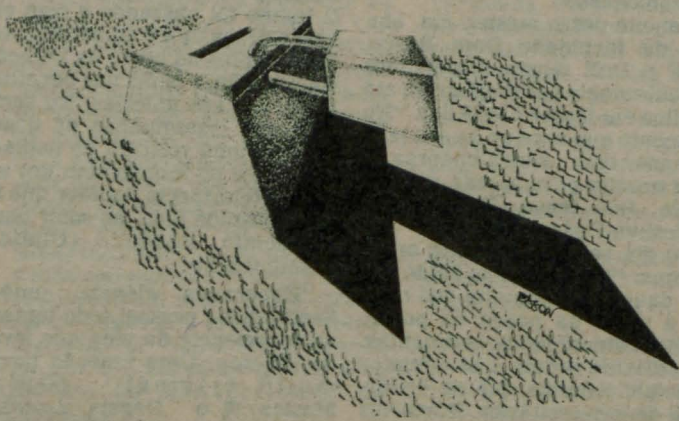
Esta esperança fazia aumentar a cada minuto os adptos às gravatas amarelas, aos crisântemos na lapela dos homens e nos cabelos das mulheres, crachás pelas diretas, tarjas pretas em sinal de luto pelas emergências. Até a atriz Cristiane Torlene aderiu a gravatinha. Mas apesar da beleza e da fama foi gentilmente convidada a abandonar o plenário por não ser portadora de credencial. Cou be-lhe o consolo da galeria. Mas ela não se incomodou. A sua única preocupação era a de acalmar o povo para evitar o esvaziamento da galeria e suspensão da sessão — o que poderia retardar mais ainda a votação.

Com roupa extravagante, sorriso simples e simpático, o autor de **O que é Isso, Companheiro?**, Fernando Gabeira, também ocupou o seu lugar na galeria e fez uma comparação entre a época do seu exílio e o momento político atual:

— o brasileiro acordou. Já não é o mesmo daquela época. Sua conscientização política é muito maior. O povo descobriu que a ditadura, se ele quiser derruba.

No Comitê de Imprensa, os boatos continuavam circulando: suspensão das medidas de emergência, exoneração do general Newton Cruz, suspensão total da censura à televisão. E quando se falava em transmissão direta pelo rádio e TV, sem censura, os profissionais se sentiam mais aliviados. A transmissão de qualquer "flash" significava um esforço recompensado.

Enquanto o clima de espetati-



*Tínhamos Amor e Razão
Unindo nosso destino.
Obstruindo o caminho,
os carcereiros da esperança.
(a primeira batalha)*

Márcio e Nevinho

como "peixinho fora d'água". Procurei me juntar a três repórteres do **Correio Braziliense** e **Rádio Alvorada** que se encontravam reunidos. Tentativa inútil. Depois de olharem com desdém a minha credencial, se afastaram com menosprezo.

Ainda insegura, olhei para o lado de fora. Através das grandes vidraças dava para ver prefeitos, vereadores e deputados convidados de outros Estados, se organizando em fila frente aos portões principais, aguardando a hora de entrar.

Os poucos parlamentares que se encontravam no salão, se achegaram a um outro grupo de jornalistas conhecidos da casa. Fiz cara e coragem e tentei, mais uma vez, me entrosar como se fosse uma repórter conhecida. Mais uma vez me ignoraram. Ainda assim deu para ouvir os últimos comentários que giravam em torno das prisões e repressões ocorridas na noite anterior, de acontecimentos e atitudes agressivos sob o comando do General Newton Cruz. Até riam quando lembravam do General com seu chicotinho na mão, agitando-o no nariz dos motoristas parados com o engarrafamento frente ao Comando Militar "Buzina aí agora, buzina!" Até mesmo boatos envolvendo decretação de Estado de Sítio foi veiculado no conhecido salão verde. O Deputado que passava a informação não queria se envolver. Por isto pedia que os

dai a importância desta ratificação de propósito.

Aquele bate-papo informal era apenas uma manobra meio sem jeito, de começar o meu trabalho com seriedade. Até então, com o recurso de apenas uma repórter representando o **Campus**, eu não sabia exatamente como encaminhar a minha cobertura, considerando que o nosso quinzenário só circularia dias após a votação.

Enquanto meditava, notei a presença em plenário dos atores Walmar Chagas, Buza Ferraz, Débora Block e da cineasta Tizuka Yamazaki. Questionei sobre o motivo das suas presenças ali. Contaram que participavam das gravações do filme de Tizuka, "Pátria Amada, Brasil". Olhei para cima. Os astros do cinema se preparavam para entrar em ação. As galerias estavam vazias. De público, apenas os próprios cinegrafistas e o pessoal de rádio e televisão que preparavam equipamentos de trabalho.

Deixei o plenário e dirigi-me para o Comitê de Imprensa, pensando em ligar para o nosso editor-geral do **Campus** e Chefe do Departamento da UnB, professor Murilo Cesar Ramos para dar a boa nova do credenciamento. Ainda dava para respirar lá dentro. Poucos jornalistas ocupavam uma ou outra máquina. Enquanto os demais trocavam idéias a respeito da denúncia que o Deputado Ailton Soares (PT-SP) acabara de fazer sobre a presença de

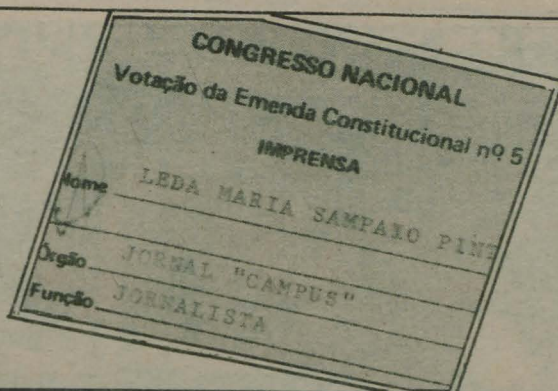
credenciados pela Câmara dos Deputados eu não passava de uma foca intrusa. Sentia nos seus olhos o desdém pelo nome do jornal ao qual eu representava. Acredito mesmo que, em nenhum momento, se deram conta que foram principiantes também. Sem constrangimento fiz perguntas. A cada tentativa de aproximação se esquivavam como se eu fosse portadora de doença contagiosa. Até para informar o nome de um deputado se retraiam, saiam de perto, como se eu tivesse a obrigação de conhecer o nome de cada um deles.

Só não me afoguei neste mar de indiferença provocado pelo "estrelismo" dos que ocupam as cadeiras do Comitê, porque fui salva por verdadeiras estrelas, jornalistas amigos que me deram a mão. Entre eles a Presidente do Comitê de Imprensa, Vera Manzollilo, Tarcísio de Holanda, Manuel Pompeu, os jornalistas da **Última Hora**, Fernando Pinto, Silvio Leite e Rita Maria, com os quais almocei no Restaurante do Senado a convite do grupo, e prof. e jornalista Arcelina Helena, que fazia questão de me apresentar:

— E minha aluna!

Além destes repórteres consegui contatar com os correspondentes do Estado de Minas, Tribuna de Santos e Argentina. Estes dois últimos também se sentiram perdidos e falaram da dificuldade de relacionamento com a imprensa brasileira. O corres-

Campus: a presença da UnB na votação da emenda Dante



DIRETAS: O REFLEXO DA MOBILIZAÇÃO

A Imprensa e a cobertura das Diretas

A Partida que frustrou 130 milhões

Mulheres: o pretexto das Emergências

va dentro do Congresso aumentava, do lado de fora os universitários elaboravam uma maneira de receber informação do que se passava lá dentro. Me ofereci para levar-lhes o resultado da votação de 50 em 50 minutos, — o que só me foi possível fazer duas vezes, no começo e pouco antes da metade.

Para aliviar o estado de tensão, o ator Miquéias Paz faz uma representação através de mímica. Tema: a vitória da Emenda e a tristeza dos generais. Nesta mesma hora, chega a tropa motorizada. O povo não demonstra medo. Alguns grupos correm para a grama onde voltam a formar as palavras **Diretas-Já** e **Livres**, enquanto outra multidão se concentra frente aos policiais gritando: "O povo unido jamais será vencido". "Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil".

A minha emoção é maior ainda, ao olhar no lusco fusco e ver que o público, em fração de segundos havia providenciado velas e papel queimado, iluminando as frases que, naquela hora, mais pareciam as chamadas do desespero. Ainda sob o efeito desta emoção, volto ao plenário.



O DESABAFO INCONTIDO

A esta altura dos acontecimentos, já me sentia menos insegura. Já não sentia medo, nem apreensão ao entrar no Comitê de Imprensa. O apoio logístico de repórteres de fora fez com que eu superasse as inseguranças iniciais.

19 horas. Entro no plenário pela última vez. Minhas pernas dão os primeiros sinais de cansaço. Lembro que andei o dia inteiro, sem parar, entrando e saindo do Congresso. Encosto na parede lateral e aguardo o começo da sessão da votação.

O primeiro voto veio em forma de "sim" na voz do deputado J. G. de Araújo, líder do PDT. A galeria não se conteve e explodiu em aplausos. A cada sim, a emoção e a esperança de uma vitória eminente se desenhava nos rostos de povo, deputados e jornalistas. Acompanhando os votos eu não me sentia apenas uma repórter estagiária mas uma cidadã que

nunca votou e que também torcia pela vitória da Emenda, no desejo de escolher o seu próximo presidente.

Mas não era apenas o sim que contava naquele instante. O número de "ausentes" começava a preocupar a todos os presentes. O vereador Adelino Rodrigues (PMDB-Santos) acompanhava a votação atentamente. Mais parecia um computador, ao rezar com precisão: "mais um ausente e não temos mais chance". Ele tinha razão. Apenas os que não conheciam este detalhe matemático continuaram iludidos. Mas as que tinham consciência desta particularidade aritmética, sentavam nas cadeiras do plenário — pouco preocupados com a proibição de ocupá-las — e baixavam as cabeças numa tristeza desesperadora.

Eu e a Leda Mondim correspondente de Santos, tentamos animar o vereador que parecia ter perdido a alegria de viver. Inútil. Da mesma forma como, naquela hora, me pareceram inúteis os sacrifícios dos deputados Pedro Collin (PDS-SC) e Inocêncio Oliveira, também do PDS que deixaram seus leitos de doentes para dar apoio de voto a favor da emenda **Diretas-Já**.

Apenas os pedessistas pró-indireta assumiam uma postura de desfaçatez e regozijo frente ao desespero do povo que, aquela altura, acompanhava como crianças desamparadas, os veredictos dos "coveiros", que animados pela antecipada rejeição da Emenda, começaram a dizer "não" desparadamente. A votação terminou com a ausência de todos os deputados dos territórios.

Quando o senador Moacir Dalla, presidente do Senado, anunciou a rejeição da Emenda por falta de quorum, um coro de vaia explodiu da galeria, seguido de protestos veementes contra os parlamentares pedessistas e o Governo: "o povo unido jamais será vencido"; "o povo não esquece, acabou o PDS" e outros que foram improvisados.

Tive vontade de chorar da mesma forma que choraram tantas pessoas presentes em todo o Congresso. Os coveiros responsáveis pela tristeza nacional, agora amedrontados diante da explosão imprevisível do público, saíram, silenciosamente, sorriso amarelo de quem temia uma rebelião a qualquer momento.

Mas o povo extravasou a sua revolta incontida, ordeiramente. Juntos, mãos dadas levantadas pro alto, cantam o Hino Nacional. Fazendo coro a este apelo, deputados, jornalistas e convidados especiais se unem da mesma forma no plenário, mãos entrelaçadas para cima e rostos voltados para a galeria numa comunhão única, universal. Canto com eles.

Depois desta manifestação pacífica, o vereador Adelino Rodrigues, antes cabisbaixo, volta-se para trás e nos entrega um bilhete no qual dizia:

— O sonho não terminou e nem as pessoas deixarão de sonhar. (Leda Sampaio).

A cobertura da votação da Emenda Dante de Oliveira envolveu um complexo esquema. Os grandes jornais mobilizaram suas sucursais e mandaram repórteres especiais. A *Folha de São Paulo* acompanhou a votação com 30 repórteres e fotógrafos, mais quatro enviados pela sede do jornal em São Paulo e dois colaboradores: Tarso de Castro e Fernando Gabeira. O *Estado*, além dos repórteres da sucursal, mandou dois repórteres especiais; o *Jornal do Brasil* contou com 17 jornalistas; o *Globo* com 10 e o *CORREIO BRAZILIENSE* com 27. A *Rede Manchete* trabalhou com 24 pessoas entre repórteres e pessoal de apoio e a *Rede Globo* contou com 108 pessoas credenciadas.

A repórter do *CORREIO BRAZILIENSE* Maria do Rosário, que acompanhou de perto a cobertura, ficou impressionada com o desinteresse dos jornais do Norte, Nordeste e Centro Oeste que não mandaram nenhum enviado especial à Brasília. No apesar de neste momento histórico o nordeste ter um peso espantoso no colégio eleitoral. Os dois maiores jornais do Sul, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, segundo Maria do Rosário, as matérias estavam boas mas faltavam informações. Enquanto que no Eixo Rio-São Paulo, destacando a *Folha de São Paulo* e o *Jornal da Tarde*, foi realizada a melhor cobertura, onde a sociedade civil estava mais organizada e mobilizada, além da presença de cinco lideranças oposicionistas: Ulysses Guimarães, Lula, Leonel Brizola, Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso. Já em Brasília as manifestações populares provocaram uma cobertura ampla dos três diários locais: *CORREIO BRAZILIENSE*, *Jornal de Brasília* e *Última Hora*.

CREDENCIAIS

O diretor da Secretaria de Divulgação e Relações Públicas do Senado Federal, Luís Carlos de Oliveira Chaves, explicou que antes da distribuição das credenciais houve uma reunião presidida pelo Senador Moacir Dalla, onde participaram os representantes dos comitês de imprensa da Câmara e do Senado, da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e o presidente do Sindicato dos Jornalistas. Depois desta reunião ficou decidido que seriam distribuídos três tipos de credenciais: uma para a imprensa (verde), uma para convidados especiais (amarelo) e uma senha para as galerias (cor-de-rosa). A imprensa e os convidados especiais receberam aproximadamente 1.200 credenciais, distribuídas pelos presidentes das duas casas. Os passes para as galerias foram distribuídos pelos deputados e senadores, sendo que cada um dispunha de duas senhas. Foram convidados também mais de 50 jornalistas estrangeiros sendo que estavam presentes pouco mais de 30. Apesar deste esquema montado muitos conseguiram furá-lo entrando sem as credenciais, como foi o caso de dois repórteres do Campus.

Aparecida Timboni e Cid Queiroz

O clima de expectativa criado naquele histórico 25 de abril se assemelhava ao entusiasmo e à alegria que povoaram as ruas do país durante a Copa do Mundo de 82, quando o Brasil se preparava para enfrentar a Itália. Tudo era, até então, confiança e orgulho de ver o bom desempenho da seleção canarinho.

No plenário da Câmara, dia da votação da emenda Dante tinha-se a mesma impressão de vibração, festa e esperança de uma conciliação entre Governo e Nação. Respirava-se no ar o cheiro da vitória, como no dia do jogo contra a desacreditada seleção italiana.

PRIMEIRO TEMPO

A sessão matutina (primeiro tempo) aconteceu segundo a morosidade de praxe. Momentos de agitação se deram com acusações feitas por deputados pedessistas aos peemedebistas Adhemir de Andrade (PMDB-PA) e Ulysses Guimarães (PMDB-SP). Fora isso, somente a presença de policiais disfarçados, que foram logo denunciados, movimentaram a fraca sessão.

As 19:25h os deputados canarinho (Oposição) adentraram o plenário para dar início à partida semi-final. As galerias estavam repletas. Líderes políticos e artistas, ao lado de pobre mortais, se confundiam num só grito, numa única vontade: "Diretas Já". Esse era um retrato representativo da mobilização que invadiu as ruas e praças desse imenso país.

O amarelo, cor das diretas, estava em todo lugar. Nas camisas, gravatas e crânios que eram distribuídos à platéia. Todos acreditavam na vitória. Muitas pessoas de caneta e papel em punho anotavam o desenrolar do jogo, cujo primeiro pontapé foi dado às 22:45h com o voto SIM do deputado J. G. de Araújo do PDT-RJ.

SEGUNDO TEMPO

Três horas depois, o ambiente era de desolação e tristeza. A impossibilidade de virar o placar fez abater sobre os torcedores um grande desconsolo. Muitos partiram antes do final. Outros abaixavam a cabeça em sinal de desespero e perplexidade.

Declarada a derrota da batalha (mas não da guerra), as galerias se levantaram e gritavam palavras de ordem: "O povo unido jamais será vencido"; "O povo não esquece, acabou o PDS". Toda a alegria que se esperava comemorar veio à tona na forma do Hino Nacional, desfecho de tantos comícios e portador de tantas esperanças.

Aos poucos, as galerias se esvaziaram. Lá fora, onde torcedores tomavam conhecimento do resultado do jogo, tinha-se a nítida certeza de estar diante de um povo que não ganhou a primeira batalha, mas que ressurciu nesses últimos meses nas ruas, na organização, na descoberta do indivíduo de que também é cidadão.

(Jair Barbosa Jr.)

A questão das Diretas-Já deu origem a uma nova figura no cenário político nacional — a participação das mulheres usufruindo dos seus direitos, como cidadãs, de contestar, protestar e reivindicar.

Não obstante a resistência machista que, a exemplo do deputado Siqueira Campos, insiste em ver a mulher como "instrumento de sedução", elas se organizaram, se investiram de argumentos históricos, sociológicos, econômicos e políticos e chegaram à capital Federal, no dia 17 de abril, enfrentando sérias dificuldades inclusive a detenção de nove ônibus, por várias horas parados no município de Catalão.

Cumpriram rigorosamente o programa do comício, da mesma forma que atrizes, jornalistas, escritoras, representantes de classe e viúvas, a do jornalista Vladimir Herzog, e do operário Santos Dias, se atiraram a um verdadeiro trabalho missionário junto às lideranças dos partidos e residências dos deputados.

E se este movimento feminino fosse considerado mais um entre tantos outros isolados, provavelmente não serviria, ao governo, como um dos pretextos para a decretação das medidas de emergência que repercutiram em todo o território nacional. Parlamentares considerados hábeis no trato com assuntos melindrosos, se descontrolaram. Os senadores José Sarney, líder do partido, e Moacir Dalla, presidente do Senado, se surpreenderam. De repente, era como se estivessem descobrindo, na mulher, uma nova imagem até então desconhecida.

Ainda assim, alguns deputados insistiram em olhar com ironia a posição da mulher no cenário político. Ressaltavam a beleza das visitantes e o talento profissional. Só isto. Uns poucos, mais conscientes, receberam com respeito o grupo e ouviram as reivindicações, para em seguida colocarem suas posições de representantes de um partido, que não podiam contrariar as aspirações governamentais.

Emenda Dante de Oliveira trouxe as mulheres para as ruas. Desta vez, não para reivindicar creches, protestar contra o aumento dos alimentos de primeira necessidade ou contra a violência. Elas foram para a sua, sim, deixando seus filhos com babás, parentes, amigos ou creches, mas assumindo definitivamente o seu lugar dentro do quadro político, como a cidadã que deseja reaver os seus direitos que lhe foram negados ao longo da história do Brasil.

Com relação ao movimento do dia 17 de abril, houve quem considerasse inútil o movimento feminino, em Brasília, levando em conta a postura de irreversibilidade de muitos parlamentares com relação às diretas. Mas, na realidade, a luta das mulheres que desabrochou nos comícios de vários estados do País se concretizou, ali, em pleno Congresso, sob forma de fortes argumentos que transcendeu o nível de sedução machista ao nível de sedução dos idéias. Leda Sampaio.

Professores comparecem legitimando sua eleição

Altamente representativa. Esta é a opinião geral sobre os resultados do primeiro turno da prévia eleitoral realizada pelos professores nos dias 9 e 10 passados. Oitenta por cento do corpo docente da Universidade de Brasília compareceu às urnas, iniciando assim o processo de composição da lista sêxtupla, da qual se espera sair o próximo reitor.

Dezessete urnas foram espalhadas pelos 33 departamentos e durante dois dias, 611 professores, de um total de 766 em exercício, elegeram uma lista de seis nomes de sua preferência. Apesar dos 60 nomes já indicados pelos professores, em reuniões anteriores em seus departamentos, nesta fase todos os professores ou membros conhecidos da comunidade acadêmica puderam ser candidatos. Os doze mais votados que concorrerão na fase final foram: o economista Dércio Garcia Munhoz, com 212 votos; o ex-diretor da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, Frederico Simões Barbosa, com 198; o atual presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, José Carlos Coutinho, com 185; o ex-vice-reitor, Marco Antônio Dias, com 165; o psicólogo e ex-presidente da ADUnB, João Cláudio Todorov, com 142; Márcio Villas Boas, atual diretor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, com 130 votos; Fernando Correia Dias, sociólogo, com 125; o matemático Geraldo Avilla, com 109; o economista Celso Furtado, com 84; o ex-Ministro da Educação Eduardo Portella, com 80; o presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Linaldo Cavalcante, com 69; e Danilo Borges, diretor da Faculdade de Tecnologia, com 68 votos.

A composição dessa lista ainda não é definitiva. Cada um dos eleitos deverá manifestar seu desejo de concorrer ao cargo de reitor da UnB. Casos existam desistências, outros nomes por ordem de colocação, poderão figurar na atual lista dos 12 mais votados. A saber: o economista Cláudio Moura Castro (67 votos); o sociólogo e senador Fernando Henrique Cardoso (64); o economista e professor da UnB,

Cristóvan Buarque (54); o geólogo Onildo Marini (51); o presidente da Sociedade Brasileira de Antropologia, e Diretor do Instituto de Ciências Humanas Roberto Cardoso de Oliveira (51); e o geólogo Darcy Closs (48).

Mais de 100 pessoas do mundo acadêmico receberam votos nesta primeira fase, e entre elas está o próprio reitor José Carlos Azevedo, com apenas 14 votos. Também foram votados nomes conhecidos como Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Pompeu de Sousa, Lígia Fagundes Telles, e outros.

OMISSÕES

Em nove departamentos houve um comparecimento absoluto às urnas: Comunicação, Economia, Psicologia, Estatística, Urbanismo, Química, Educação Física, Desenho e Métodos e Técnicas. Em outros 15 departamentos, o número de ausentes (dado entre parênteses) não chegou a mais do que cinco professores. São eles: Administração (5), Arquitetura (1), Artes (4), Biblioteconomia (1), Biologia Animal (2), Biologia Celular (5), Ciências Sociais (3), Engenharia Agrônoma (5), Engenharia Mecânica (1), Geociências (2), Geografia e História (4), Letras e Linguística (3), Matemática (3), Planejamento e Administração (1) e Teoria e Fundamento (3).

Na Medicina os professores estão divididos. A Medicina Complementar, com 29 professores em exercício, teve 9 ausentes, a Geral e Comunitária, dos 36, 10 não votaram. Quem mais se absteve foi o departamento de Medicina Especializada, onde de um total de 49, apenas 28 foram às urnas.

Os focos de maior resistência ao processo eleitoral são os departamentos de Direito, Relações Internacionais e Biologia Vegetal. No Direito, dos 33 professores em exercício, 6 apenas furaram o bloqueio. Nas Relações Internacionais, entre os 17 professores existentes, somente 3 manifestaram seu desejo de eleger o próximo reitor, e na Biologia Vegetal, dos 18 professores votaram apenas 8. (Dinalva Ferreira).



Na apuração, muita expectativa em torno do índice de comparecimento dos nomes mais

COMEÇA A FASE MAIS INTENSA DO PROCESSO

Alunos e professores se unem para discutir próximos passos

Com uma proposta mais definida em termos de nomes, começa agora a preparação para o turno final do processo eleitoral desencadeado pelos professores, e que culminará com eleições finais entre os dias 21 e 25 de maio. Esta segunda fase terá também a participação dos alunos, que ao contrário dos professores, só agora começam a se integrar no processo de sucessão. Para superar essa defasagem, professores e alunos decidiram realizar um Congresso Universitário nos dias 17 e 18 quando serão discutidas formas conjuntas de participação.

Segundo o professor Antônio Ibañez, presidente da ADUnB, o Congresso tem por finalidade aproximar e inserir concretamente a atuação dos alunos no processo, elaborando um regimento eleitoral conjunto. "Os alunos ainda não decidiram sobre o processo eleitoral, (inclusive sobre a aceitação da lista sêxtupla ou não), então, o Congresso é uma forma de se discutir estes itens, tentando chegar a um movimento unificado. É muito importante que os dois segmentos saiam unidos desse Congresso". Os professores não pretendem levar questões fechadas, pois entendem que isto configuraria uma divisão no movimento. "O Congresso Universitário é o momento de se discutir, e se as coisas já estiverem decididas ele perderá seu sentido. Não podemos agir com os alunos como o sr. Azevedo age com todos nós. Devemos estar totalmente abertos ao diálogo", como definiu um professor na última assembleia dos professores.

Os alunos já começaram as dis-

cussões, coordenados pelos seus Centros Acadêmicos. Acredita-se que suas decisões não se afastarão muito das propostas dos professores. Tudo indica que o atual calendário será mantido, com os alunos participando da votação final, entre os dias 21 e 25 de maio corrente. A forma de escolha dos delegados dos alunos a participarem do Congresso, foi a seguinte: cada departamento mandou 4 delegados para cada fração de 100, um delegado para cada fração de 100 ou fração superior a 50 subseqüentes e um por departamento de pós-graduação.

Quem tem se mantido em profundo silêncio são os funcionários. A atual direção da associação, presidida pelo professor Reinhart Fuck não demonstrou, até agora, qualquer interesse em participar. Não que seja esta a vontade dos seus associados. Muitas são as acusações de peleguismo dentro da atual diretoria, mas ninguém ousa dar início a um processo de mobilização, sob pena de perder o próprio emprego.

Após o Congresso Universitário se iniciará a fase mais intensa da campanha dos 12 reitoráveis. Serão realizados debates e mesas redondas, para que toda a comunidade de universitária conheça o perfil acadêmico e político dos seus candidatos.

LEGITIMIDADE

A coisa vai esquentar mesmo depois que todos tiverem nas mãos os seis nomes mais votados. Feito isso, a lista será entregue ao Colégio Eleitoral e exigida a sua aprovação. O reitor vem declarando con-

tinuamente à imprensa que não fugirá dos termos da lei. Segundo esta, a nomeação do reitor nas universidades-fundações será feita pelo Presidente da República, escolhido dentre seis nomes de uma lista a ser elaborada pelo Colégio Eleitoral de cada universidade. O reitor terá mandato de quatro anos, sendo vedada a recondução ao mesmo cargo.

Em suas declarações o reitor Azevedo descarta completamente a possibilidade da lista saída das eleições ser encaminhada ao Presidente da República. Para ele, o processo sucessório desencadeado é ilegal, porque não é exigido em lei. Outro argumento seu, é o não reconhecimento pela reitoria da ADUnB, onde chega a afirmar que ela não representa o corpo docente da UnB. Medidas coercitivas ainda não foram tomadas, porque o movimento é ordeiro e não prejudicou até agora o bom andamento das aulas.

Para o professor Ibañez, a lei não proíbe que se consulte a comunidade. O Colégio Eleitoral representa toda a comunidade universitária e, portanto, deve acatar suas decisões. "Depois de ter visto a participação massiva maciça na votação, não acredito que o Colégio Eleitoral venha a escolher uma lista diferente da que a comunidade venha a escolher no final do processo eleitoral. Principalmente porque muitos dos membros desse colégio eleitoral participaram da votação, e alguns deles inclusive, saíram como candidatos". Ibañez lembrou ainda, que em outras universidades, processos sucessórios idênticos foram vitoriosos.

(Dinalva Ferreira e Lavina Ribeiro)



votados.



Os professores fizeram ampla divulgação pelos corredores da UnB, dias antes das prévias

QUEM SÃO OS DOZE CANDIDATOS ELEITOS?

Eles querem mudar o estatuto, Diálogo, Confiança e Liberdade

tem de proteger a instituição, garantindo a liberdade de expressão e os direitos democráticos da comunidade".

"Na medida que represento um movimento coletivo, não cabe colocar a decisão a nível individual. Aceito." São as palavras de José Carlos Coutinho, professor do Departamento de Urbanismo e terceiro colocado na lista. Coutinho é formado pela Universidade Federal de São Leopoldo (RS), tendo sido Diretor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de 76 a 79. Foi um dos dois professores a votarem contra a punição de alunos em 77 e, atualmente é Presidente do Instituto de Arquitetura do Brasil. Para ele, a "comunidade deve se auto gerir. A UnB deve recuperar sua autonomia, gerar um clima de confiança dentro de sua comunidade e, apagar todos os vestígios de autoritarismo de seu regimento e estatuto".

Jão Cláudio Todorov, professor do Departamento de Psicologia, foi o quinto colocado. Licenciado em Psicologia pela USP em 1963 e doutorado pela Arizona State University em 1969. Já foi professor em universidades no México e Estados Unidos, sendo atualmente membro do Conselho de Representantes da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. Foi também o primeiro presidente

da ADUnB, no período de 78 a 80 e é parte atuante dentro do atual processo sucessório. A preocupação de Todorov agora é saber como o Colégio Eleitoral se comportará até a escolha definitiva dos nomes indicados.

Quem foi às urnas dar o seu voto e foi escolhido em sexto lugar, foi um dos membros do Colégio Eleitoral, professor Márcio Villas-Boas. Formado pela primeira turma de Arquitetura da UnB em 1966 e, um dos responsáveis pela reabertura do curso em 1968. Segundo ele, "é extremamente representativa a votação de 80% dos professores nesta primeira fase de eleição. Ela demonstrou o anseio dos professores em participar da escolha de seus dirigentes e que não deve ser relegada. A eleição constituiu uma manifestação livre e democrática dos acadêmicos. "Quanto aos alunos, "são responsáveis, idealistas e sadios", ele defende sua participação nos órgãos colegiados e afirma ter sempre mantido um bom diálogo com eles. O professor Márcio vê a necessidade de alteração no regimento e estatuto interno da UnB. "Devemos criar um clima para que ocorra a prática da discussão. O regimento não fornece instrumentos para que isso ocorra".

O segundo membro do Colégio Eleitoral eleito em 12º lugar é o Diretor da Faculdade

de Tecnologia, professor Danilo Silli Borges. Participante também ativo das atividades de sua classe profissional. Foi sócio-fundador do Sindicato dos Engenheiros e, atualmente preside o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA). Como acadêmico defendeu tese em Lisboa, 1970, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Favorável à descentralização administrativa, Danilo Borges defende que "se estabeleça um clima de confiança entre os membros da comunidade, acabando com o medo e as restrições que os professores enfrentam no exercício de suas atividades. 80% dos professores demonstram que a comunidade universitária deseja mudanças na sua maneira de ser. A UnB tem perdido seu caráter regional, ela não está inserida no contexto das outras universidades brasileiras".

O segundo mais votado, professor Frederico Simões Barbosa, não se encontra em Brasília. Apesar da impossibilidade de entrevistá-lo pessoalmente, vamos falar do seu currículo. Formado em Medicina e História Natural, com estudos pós-doutorais em Saúde Pública na Johns Hopkins University. Foi professor da UnB de 1972 a 1982. Obrigado a interromper um projeto de Medicina Comunitária, por decisão unilateral da UnB, transferiu-se para a Universi-

dade São Carlos. Atualmente, leciona na Escola Nacional de Saúde Pública (concurado), do Rio de Janeiro.

Muita polêmica tem sido feita em torno do oitavo colocado, professor Geraldo Avilla, bacharel em Matemática pela USP (1956) e doutor pela Universidade de Nova York. Sua vida acadêmica se destaca pelas posições já ocupadas dentro da própria UnB. Já foi Chefe do Departamento de Matemática, Diretor do Instituto de Ciências Exatas e Decano de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente é presidente da Sociedade Brasileira de Matemática, no biênio 1983 a 1985. Alguns jornais o acusaram de ser candidato do atual reitor, mais o próprio Geraldo já foi aos jornais para desmentir o fato. A própria ADUnB não acredita nessas especulações, pois seu nome foi indicado pelos próprios professores de seu departamento.

Alguns indicados já declararam a não possibilidade de participar do processo eleitoral. São eles o senador Fernando Henrique Cardoso, o economista Celso Furtado, eleito em nono lugar, o ex-Ministro da Educação Eduardo Portella, eleito em 10º lugar e o ex-professor do Departamento de Comunicação eleito em quarto lugar. Marco Antônio Rodrigues (atualmente no exterior, trabalhando para a Unesco). Apesar das desistências não é possível ainda estabelecer a lista dos doze, porque alguns talvez ainda desistam. Cabe agora o acompanhamento dos debates para que cada um vote de maneira mais justa possível.

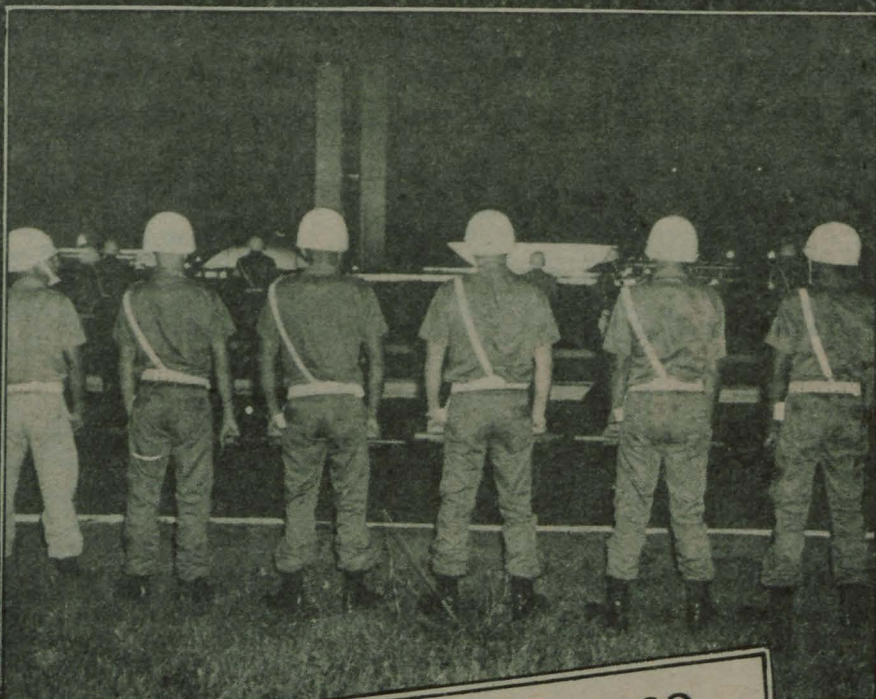
(Dinalva, Lavina, Carlos Dutra, Penninha, Lillian)

Medidas de Emergência não silenciaram o clamor brasileiro pelas diretas, já

Duda Bentes/AGIL



Brasília surpreendeu o resto do país, quando batucou e gritou nas vésperas da votação da emenda Dante de Oliveira, apesar do forte aparato policial...



Paula Simas/AGIL

No sonho das diretas esperança e decepção

A votação no congresso da emenda das diretas, emocionou a nação inteira e particularmente Brasília que, por alguns dias viveu momentos que marcaram toda a vida da comunidade. A cidade provou com as passeatas, manifestações e os buzinaços que também tem alma.

A Semana Santa já ia chegando e junto com ela a perspectiva de que o Congresso aprovasse a emenda Dante de Oliveira. O País vivia toda uma expectativa, com a realização de comícios pacíficos e ordeiros em que o povo clamava por eleições diretas.

Brasília já estava sob o estado de emergência, quando parti para um acampamento nas proximidades de Luziânia, aproveitando assim o fim de semana prolongado, foram quatro dias afastado de quaisquer contatos com notícias, fossem de rádio, tv ou jornal; por certo desliguei-me das ansiedades e incertezas da aprovação ou não das diretas, mas não me afastei da esperança de vê-las aprovadas.

Mas como tudo que é bom acaba, pé na estrada pois a semana que começava prometia muitas emoções. E a promessa se concretizou mais rápido do que pensava. Na estrada um engarrafamento se formava, sem notícias há vários dias da cidade, só ali percebi que Brasília estava cercada.

Metralhadoras, guardas sisudos, cães raivosos, um cenário nunca visto; não foi esta a recepção que esperava ter.

Fui parado por um guardinha que de pronto me pediu os documentos e sem muita conversa deu-me uma senha e disse para "entregar logo ali". Mais na

frente guardas fortemente armados receberam a senha e finalmente estava de volta. pensei comigo, prá que tudo isto?

DISSABORES

Estávamos na véspera da votação, na UnB não se falava de outra coisa, no Departamento de Comunicação cada um contava os dissabores passados no fim-de-semana em decorrência das medidas de emergência. Naqueles seis dias de vigor de medidas de emergência, tínhamos um triste saldo: barreiras nas estradas com carros revistados, no aeroporto era obrigatória a identificação, os broches das diretas eram tomados ou simplesmente aconselhava-se guardá-los. Mas não paravam aí as arbitrariedades, a censura mostrava toda a sua ferocidade às rádios e às TVs, não se podia gerar notícias de Brasília.

As televisões faziam o que podiam, tentavam driblar a censura mas, nada de política, só desenhos, futebol e amenidades. Tive consciência realmente do que é a censura. E degradante.

Dia da votação. A esperança e a ansiedade eram sentidas em toda parte, parecia que a cidade palpitava junto com os milhões de corações que de alguma forma bateram em apolo as diretas já por todo o Brasil. No fim do dia por volta das 18:00 horas, vi e senti que o povo de Brasília dizia não ao estatismo, não ao medo imposto. Era o buzinaço, milhares de carros como que milhares de vozes pediam pelas diretas e protestavam contra a repressão sofrida pela cidade. Foi ensurdecedor, mas foi emocionante.

Enquanto isso a cidade vivia sob um clima de horror com muita gente agredida, presa e humilhada mas ainda com muita esperança; a madrugada começava e o congresso fervilhava e nós sem sabermos notícia alguma.

No dia seguinte acordei ávido por notícias, a curiosidade era imensa. Fui à primeira banca e estava lá, "o sonho acabou, o pesadelo não". Senti ali muito mais que a simples revolta pela não aprovação da emenda, que Brasília amanheceu triste e com toda certeza o Brasil ao saber que o congresso disse não a todos nós.

BRASILIA VIVE

Mas o que ficou foi que Brasília se fez presente, contra aqueles que a taxavam de apolítica ela respondeu com centenas de pessoas numa vigília no Congresso, contra aqueles que a chamavam de desmobilizada, mobilizou centenas de pessoas buzinando seus automóveis e uniu centenas de estudantes em passeatas. A cidade está viva e quer participar das decisões sobre os destinos do País.

Foi uma pena que colegas nossos tenham sido presos e que nem as crianças tenham sido poupadas pelo estado de emergência, atingido por bombas de gás lacrimogêneo; mas o certo é que foram dias marcantes, alegres, emocionantes, esperançosos, semanas de expectativa e apreensão, foram momentos tristes e de imensa vergonha. Espero que tudo caminhe para uma solução negociada rápida que atenda ao interesse da maioria do povo brasileiro. E que estado de emergência seja coisa do passado. (Carlos Alberto Barreto de Carvalho)

Os 14 dias que quase abalaram Brasília

Dia 18 de abril, à tarde, a confirmação: pela segunda vez Brasília entraria, a partir de zero hora do dia 19, em Estado de Emergência. Só que agora a notícia não era recebida com o mesmo bom humor, com o auto-policiamento brincalhão que o brasiliense fazia quando mais de duas pessoas se reuniam, por ocasião da votação do Decreto 2.024, no ano passado.

Na Semana Santa, a cidade tomou sol, teve mais policiais em suas ruas e não viu comemorado o seu aniversário. A bandeira pelas diretas mostrada por dois rapazes na prisão da Sexta-Feira Santa, a prisão de dois jornalistas da Última Hora e a invasão da sucursal da Hora do Povo foram os acontecimentos da cidade que ainda puderam ser mostrados pela televisão.

Segunda-feira, dia 22, depois do ensolarado e quieto feriado, na UnB e Ceub, emoção, com manifestações dos estudantes que seriam encerradas na mesma manhã, devido à decretação de recesso escolar nos dois estabelecimentos de ensino e à interdição da UnB pela polícia. À noite, na Faculdade de Educação Física Dom Bosco, policiais dissolveram a gás lacrimogêneo, outra manifestação estudantil, enquanto o general Newton Cruz, executor das medidas de emergência em Brasília, dizia à imprensa "estar de consciência tranqüila no cumprimento de seu dever". Na tarde daquele dia, saiu a regulamentação do Dentel para a cobertura pelo rádio e pela televisão dos acontecimentos políticos em Brasília. À noite, um programa noticioso da Globo registrou o discurso do general Newton Cruz, na comemoração do 24º aniversário do Comando Militar do Planalto, e silenciou.

Dia 23, véspera da votação. Rádio e televisão de Brasília funcionavam ignorando os fatos relacionados à votação. A partir das 18 horas, a cidade viveu momentos comoventes, com carros buzinando. As 21 horas, em muitas casas, foram apagadas as luzes e adultos e crianças batiam em painéis nas ruas. Eram as manifestações sugeridas dias antes pela Executiva do movimento pró-diretas do D.F.

Dia da votação da emenda Dante de Oliveira, 24 de abril. A cor amarela tomou conta da cidade. De manhã e ao meio-dia, carros ainda buzinaaram. À tarde, o acesso à Esplanada dos Ministérios foi fechado aos automóveis e o povo caminhou até a frente do Congresso Nacional. A votação se estendeu até cerca de duas horas do outro dia.

Na manhã do dia 25, a cidade amanheceu com as indiretas; brilhava um lindo sol, apesar do vento frio e do horizonte enevoadado. Naquele dia, o brasiliense pôde ver nos telejornais a reação, semelhante à sua, do resultado da votação nos diversos Estados: choro e decepção.

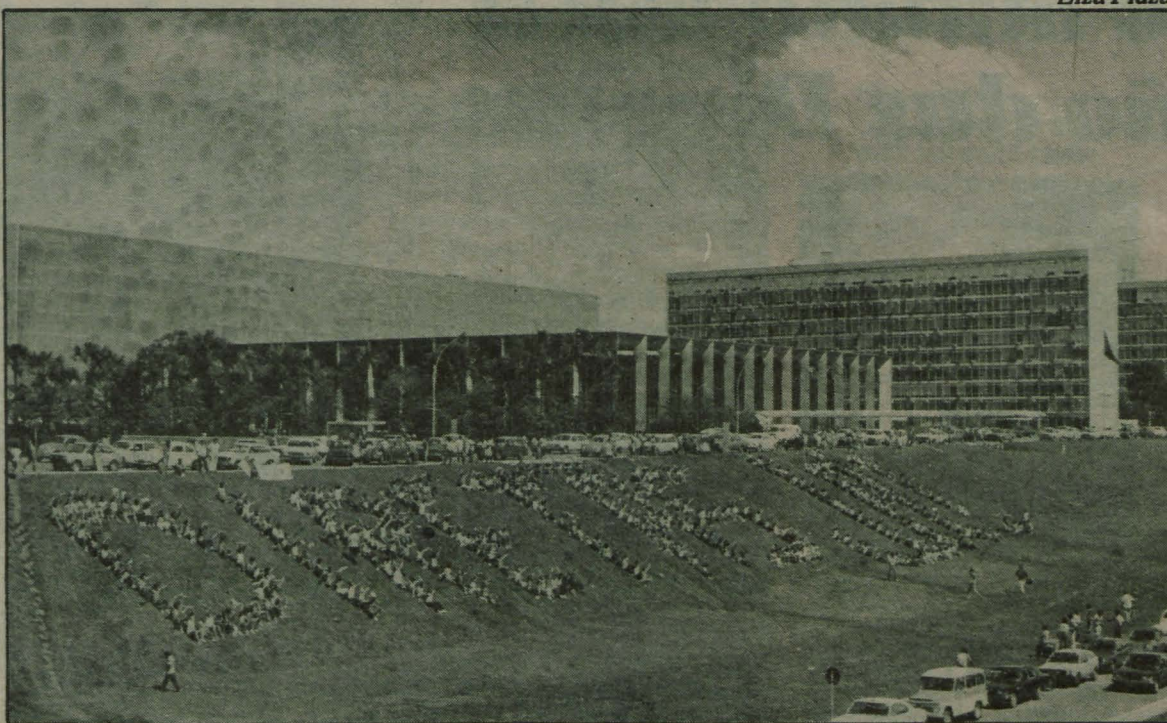
Desde então, Brasília pareceu uma cidade em fim de festa, ressaqueada até que estudantes da UnB, no dia 27, tiveram sua manifestação pelo fim das medidas de emergência e pelas diretas já, dentre outras reivindicações, violentamente dissolvida pela polícia. A ação dos policiais atingiu também alunos de 1º e 2º graus do Centro Educacional da Asa Norte, situado na L-2 Norte, com 15 alunos sendo encaminhados ao hospital, por causa dos efeitos das bombas de gás lacrimogêneo.

No dia 2 de maio, por volta do meio-dia, foi anunciado o fim das medidas de emergência, a partir da zero hora do dia seguinte. Um bar da cidade, o Beltrute, espelhou o alívio e alegria geral, quando seus frequentadores comemoraram a "passagem". (Rosane Reis)

A única comemoração pelos 24 anos de Brasília foi a presença de um sol radiante que preparou a cidade para palco de uma grande festa que não houve. Isolada do resto do país após a decretação das medidas de emergência e esvaziada pelo longo feriado de Páscoa, Brasília não ouviu sequer uma voz de parabéns.

É bem verdade que não havia muito o que comemorar. Constrangida pela presença de tropas em seus arredores, a cidade atinge os 24 anos num momento crucial da vida política brasileira, a votação e rejeição, no Congresso, da Emenda Dante de Oliveira que restabelece as eleições diretas para Presidente da República já. A tristeza da Nação, decorrente do veto do Congresso à emenda, assume em Brasília, nuances diferentes. Aqui não é possível distinguir os parlamentares sensíveis ao sentimento nacional pró-diretas dos sensíveis aos apelos indiretos do Governo. Espaço físico da Sede do poder, Brasília assistiu com muita animação aos trabalhos de votação da Emenda, sem reconhecer, no plenário da Câmara, uma única voz local de apoio ou não ao projeto. Aos 24 anos, em plena maturidade física e orgânica, a cidade permanece destituída de qualquer representação política.

A destinação da cidade à função de centro administrativo, argumento utilizado durante anos pelo Governo, já não basta para explicar e manter a ausência de representação política. Afinal, em 24 anos a cidade desviou-se muito de seu projeto original de isenção política e o termo **administrativa** diz hoje muito pouco da realidade de uma geração inteira de brasilienses que mantêm com a cidade uma relação mais permanente do que a gerada pelo exercício da Administração Federal. A população de Brasília mostrou, nos obscuros dias de vigência das medidas de emergência, que exis-



Com a mobilização pelas diretas, o brasiliense não abre mão de votar

Brasília também entrou no coro pelas diretas e agora quer votar

te uma sintonia entre a cidade e o resto do Brasil, a despeito dos que a julgam fria e alheia ao país. Há indicativos de que a luta pela representação política atingiu momentos importantes, não só pela maturidade da cidade, que passa a reivindicar concretamente a revisão da restrição política, como pelo próprio momento político que abre espaços para conversações em torno do tema.

EMENDAS

Um dos sinais de oxigenação da campanha pela representação política do DF é o número significativo de emendas que têm sido pro-

postas com esse objetivo. A emenda que apresenta mais chances de aprovação é a do Senador Marcondes Gadelha (PDS-PB), vice-líder do Governo no Senado. Na terça-feira, 24 de abril, no Auditório da Associação Comercial um entusiasmado Gadelha expôs sua emenda, justificando a necessidade de representação política: - "É preciso conceder um mínimo de civilidade a essa cidade construída para abrigar o terceiro milênio". O projeto do senador é, no entanto, mais modesto do que suas palavras e prevê apenas uma emenda aos artigos 39 e 41 da Constituição, através da qual o DF passaria a ter no Congresso 3 sena-

dores e pelo menos 8 deputados federais.

O deputado Aldo Arantes (PMDB-GO) propõe uma subemenda à emenda de Gadelha ampliando o nível de representação para Governador e Deputado Estadual e dotando a Assembléia Legislativa de poderes para estudar o processo de criação da Câmara de Vereadores.

Entre a simplicidade da emenda de Gadelha e a amplitude da proposta de Arantes outros projetos têm sido apresentados. Jorge Arbaje (PDS-PA) sugere representação a nível de Senado, Câmara e Câmara de Vereadores.

Maurício Fruet (PMDB-PR) e Arildo Teles (PDT-RJ) propõem representação a nível de senador, deputado federal e estadual. Múcio Athayde (PMDB-RO) amplia as emendas acima com a eleição até Governador.

As emendas de Marcondes Gadelha, Múcio Athayde e Jorge Arbaje serão apresentadas também como subemendas à Emenda Figueiredo, o que pode apressar o estabelecimento de representação política para o DF.

REPERCURSÕES

A viabilidade de aprovação da emenda de Marcondes Gadelha tem gerado uma certa discussão em torno do projeto. Há quem considere que a proposta de Gadelha concede aos brasilienses apenas uma cidadania acanhada. Segundo José Neves Filho, presidente do Sindicato dos Comerciantes, a emenda do senador é elitista e restritiva, uma vez que não prevê a eleição de governador nem a constituição de Assembléia Legislativa. Neves acredita que é preciso ampliar a representação política a todos os níveis. Por outro lado, há quem só veja virtudes na proposta de Gadelha. Benedito Augusto Domingos, vice-presidente da Associação Comercial do DF e presidente, naquela entidade, da Comissão Permanente Pró-Representação Política do DF, acha que é necessário evitar extremismos e aceitar a emenda como um primeiro passo para uma possível representação mais ampla.

O tema é amplo e as discussões estão em estágio inicial. A movimentação em torno da questão revela, no entanto, que a campanha pelas diretas - já atingiu Brasília de uma maneira - especial; despertando a cidade para o duplo exercício do voto. É certo que Brasília já tomou partido: ela vota incondicionalmente no Brasil. (Marina Maria)

Caçaroladas e um bom susto na passeata - improviso da Asa Norte

Na véspera da votação da emenda Dante de Oliveira, Brasília viveu um momento incomum em sua história política: a Noite das Caçarolas e Panelas. Como já tinha sido divulgado pela imprensa, a cidade aguardava dar 18 horas para começar um protesto contra as Medidas de Emergência decretadas pelo governo, batendo em panelas vazias, assim como buzinando e apagando as luzes de suas casas.

Nas proximidades da UnB, na 407 Norte, as manifestações seguem seu curso normal: buzinas, batidas em panelas, apagar de luzes, até que um pequeno grupo de estudantes da UnB iniciou uma passeata, chamando moradores que estavam batendo em panelas vazias de suas janelas.

A manifestação, que de início contava com menos de dez pessoas, já na primeira meia hora

reunia mais de vinte e cinco. Alguma forma de energia comandava aquelas pessoas e da aglomeração saíam slogans, palavras de ordem, frases-chavão, como: "Abaixo a emergência", "Diretas com urgência", ou ainda marchinhas de carnaval e a famosa "Diretas, já, o povo quer votar".

E a marcha continuava, passando pela comercial da 406/407, onde o pequeno grupo recebeu muitos aplausos, o que o fez seguir mais confiante na direção da 406, passando em frente aos blocos e chamando as pessoas e participarem. "Desce, desce, desce!", era a exclamação geral de quem, com suas caçarolas, colheres, panelas, seguia de bloco em bloco, de quadra em quadra.

Dos edifícios, as mais diferentes reações, como casais que corriam para dentro de seus apartamentos e voltavam às janelas

com pelo menos um par de panelas muito barulhentas. Ainda na 406, um fato pitoresco deu tempo certo à manifestação: do segundo andar de um dos blocos, um jovem tocava um bumbo a toda altura, o que atraiu a multidão, que exigiu a presença do percusionista.

Sangue novo na passeata, prosseguimos até à 402, já somando entre 300 a 350 pessoas das mais diferentes idades, quadras, e aparecidas como que num passe de mágica, a mágica da força popular. Até aquelas imediações, nenhum problema em relação à repressão policial - até a 402 Norte, nem sinal dos "home".

A caminhada prosseguia ao som de um atabaque recrutado numa esquina de entre-quadras, quando decidiu-se subir em direção às quadras duzentas. A idéia era chegar até à 202, quadra de políticos, deputados, e alcançar,

na volta, outras quadras também das duzentas. Mas, na 202, ocorreu o previstamente indesejado: baixou a repressão policial, intimidando a multidão através de viaturas policiais, moto e uma "baratinha".

Foi uma coisa de louco: panelas jogadas para o ar, colheres e latas arremessadas de lado e pernas-prá-que-te-quero em todas as direções. Guiadas quase que por instinto, as pessoas voltaram a se reunir, após ultrapassarem um imenso matagal, entre a 202 e a 204. Um fato marcante foi o respaldo popular da manifestação em todas as quadras e, com maior ênfase, na 202, onde aconteceu a intimidação.

Na volta, pela L/3, e adentrando as quadras quatrocentas, a passeata ganhou novo ímpeto e só se dispersou na 406, mas ainda com proposta de conquistar, co-

mo subindo até a 206, com muito barulho e organização.

No final da manifestação, às 11 e 30 da noite, o reencontro com os amigos participantes da chamada "passeata improvisada", provando que de fria a cidade não tem nada. O que falta é uma motivação inicial. Outros encontros aconteceram, como o dos estudantes moradores da 407 com amigos chegados do Congresso Nacional, onde simultaneamente à passeata das caçarolas aconteceu a repressão dos manifestantes em vigília. Ficava no ar, na voz e nos ouvidos de todos, o sabor da vitória da saída de casa e manifestação, com o vizinho do lado, pelos mesmos anseios e revoltas, sendo todos sujeitos de sua própria história. "Amanhã, tem mais", "Amanhã nós começaremos mais cedo" "Até amanhã, dia 25." Parece que foi ontem. (Bené Eustáquio)

Como o mundo viu a votação das Diretas

Luiza Venturelli

Editoriais no *Le Monde* francês, no *El País* espanhol e no *The Times* inglês; chamada de primeira página no *La Nación* argentino e manchetes nos jornais italianos; análises nas revistas *The Economist*, americana ("os militares no Brasil nunca se viram tão isolados") e na *Le Point*, francesa ("a maioria que sustenta o general Figueiredo quer repelir para 1988 o que 80% dos brasileiros reclamam com toda a urgência"); enviados especiais das redes de rádio e televisão *ABC* americana, *BBC* inglesa, *ART* alemã e da *Dutch Radio* holandesa; dezenas de telex das agências noticiosas sediadas em Brasília para os jornais do mundo todo; mais de 50 correspondentes credenciados pelo Comitê de Imprensa da Câmara. Assim imprensa internacional cobriu a votação da Emenda Dante de Oliveira e toda a mobilização popular dos brasileiros em torno da campanha das "Diretas Já", acontecimento nacional de enorme repercussão mundial.

"Os jornais precisam de dez grandes histórias do mundo por dia, e a Dante era uma delas", explicou Allan Reditt, correspondente da Reuters em Brasília. A *Latin-Reuters*, maior agência do mundo em número de assinantes, acompanhou com regularidade o assunto desde o início da movimentação pelas diretas, enviando notícias a partir do Comício de Curitiba, em 11 de janeiro. "Mas os editores só ficaram interessados depois do Comício do Rio", disse Allan, "e a partir daí começamos a dar informes diários". Foi uma cobertura sintética (o texto-padrão da agência tem no máximo 50 linhas) mas significativa, que se ocupou do essencial, segundo o correspondente.

Os vários boletins produzidos pela Reuters no dia 25 de abril foram aproveitados, segundo os relatórios da Matriz em Londres, por jornais de Hong Kong, Singapura, Dubai, Marrocos, Filipinas, Malásia e Kênia, entre outros. Os veículos mais importantes da Europa e Estados Unidos, por sua vez, mandaram correspondentes especiais, e usaram pouco o material das agências.

O "Comício de um Milhão", da Candelária, despertou a Europa e o Leste Europeu para o Brasil também na opinião dos correspondentes François Casteran, da *France Press*, e Iuri Despalko, da *Soviética Tass*.

"Quando chegaram as primeiras imagens da manifestação, aquele dia, a França inteira começou realmente a se interessar e estudar o que estava acontecendo no Brasil", lembra François, "mas o enfoque não era tanto a eleição, mas o regime militar".



O espaço dado pela imprensa francesa às eleições diretas foi amplo: o *Le Monde* enviou a Brasília um correspondente e o *Liberation*, dois. Este foi o jornal que fez a maior cobertura — quatro páginas no dia 18 de abril, duas no dia 25 e páginas diárias durante todo o período que antecedeu a votação.

A imprensa soviética deu ênfase também à decretação das medidas de emergência e aos acontecimentos de Brasília, segundo Iuri Despalko, que enviou várias matérias, publicadas pelo *Pravda*, órgão oficial do PC Soviético, e outros jornais de menor importância. Iuri elogiou a campanha pelas diretas, definida por ele como "uma demonstração de democracia e soberania nacional, muito bem organizada e executada pelo povo brasileiro".

Em sua opinião, um resultado diferente do que ocorreu poderia significar grandes mudanças no relacionamento entre o Brasil e a União Soviética, ressaltando porém que, no trabalho de cobertura que realizou, o prisma de observação foi sempre o da neutralidade.

A neutralidade foi também a opção dos jornais chineses, que evitaram as opiniões por não atenderem bem a política brasileira, explicou Gen Qiu Zhan, da Agência Nova China. Segundo o correspondente, "o povo chinês está muito interessado no Brasil; nossos jornais, com destaque para o *Renmin Ribao*, órgão do PC Chinês, publicaram matérias sobre todos os comícios e sobre a votação". "A declaração de Sócrates", completou, "afirmando que deixaria o Brasil se as diretas não passassem, repercutiu muito na China".

O interesse maior, contudo, se volta para os aspectos mais curiosos de nossa realidade, aos olhos dos estrangeiros: a Amazônia, Itaipu, os astros do futebol. A Nova China cobre muito mais estes aspectos culturais e os assuntos econômicos do que a política brasileira, que não preocupa muito os chineses.

"Se o Zico machucar o dedo, todos os jornais do mundo publicam", diz Allan Reditt.

Noventa por cento das notícias produzidas pela Reuters são de caráter econômico, e o Brasil é importante sob esse aspecto, por ser o segundo produtor mundial de matérias-primas. Mas depois disso, só restam como ponto de interesse para a imprensa internacional o futebol e os grandes crimes ou tragédias, segundo Allan, que destacou a cobertura da agência sobre a tragédia de Cubatão.

A Reuters, como as demais agências, não enfrentou problemas em seu trabalho, mesmo durante a vigência das medidas de emergência. O incidente mais grave registrado com correspondentes internacionais, envolveu um fotógrafo da revista americana *Newsweek*, que perdeu seus filmes e teve seu equipamento temporariamente apreendido pela Polícia Federal.

Nem por isso, foi um trabalho menos árduo. "No dia da votação foram quase 24 horas de cobertura ininterrupta, conta Sylvio Guedes, também da Reuters. "Isto aqui virou uma espécie de comitê de imprensa internacional, pelo menos oito correspondentes ficaram usando nossas dependências".

A maior dificuldade, na opinião de Allan, foi a falta do rádio e da TV, que obrigaram o plantão permanente e um ritmo intenso de trabalho. Explicou que "era uma história muito importante para o mundo; escrevamos nossas palavras para editores, que queriam novas reportagens o tempo todo, havendo ou não novidade. E essas reportagens tinham que chegar a tempo para o fechamento das edições".

A Reuters enviou cinco boletins sobre a votação entre as 22 horas do dia 25 e as 14 horas do dia 26, este último uma análise preparada previamente falando sobre a derrota da Emenda Dante. A imprensa internacional, vale dizer, desde o princípio foi cética com relação ao êxito da votação, de acordo com François Casteran, que completa: "O importante agora é ver no que dá a negociação. Mas vai decair o interesse da imprensa francesa pelo Brasil".

O que é confirmado por Allan, que enviou apenas 2 notas sobre política brasileira depois do dia 26: uma sobre o fim das medidas de emergência, e outra sobre o pronunciamento do Presidente Figueiredo, apelando à negociação em torno de sua emenda, que propõe diretas em 88.

O Brasil voltou a ser, diante do mundo, o País do café, do futebol, e, mais recentemente, do FMI. (Reportagem de Adalberto Passos, Cid Furta do Filho, Luís Carlos Queiroz, Maria Amélia Bezerra, Maria de Lourdes Tavares, Rodrigo Mesquita e Ulisses Lacava. Texto Final de Ulisses Lacava).



A imprensa internacional cedeu grande espaço ao Brasil

Haia condena EUA, EUA atacam Haia

Os Estados Unidos foram condenados na Corte Internacional de Justiça de Haia pela colocação de minas nos portos da Nicarágua. Dessa forma Manágua obtém o reconhecimento da Corte, nessa primeira instância da decisão, contra o pedido dos EUA, o que significa uma vitória política para América Central. Porém, os EUA declaram que averiguarão a competência deste Tribunal na questão, lembrando que eles não reconheceriam durante dois anos a jurisdição da Corte, e ainda acreditando no ganho de causa.

Apesar da medida de não se aceitar a jurisdição da Corte, que é prevista em seus Estatutos, o artigo 94 do capítulo XIV desse mesmo Estatuto diz que "cada membro das Nações Unidas se compromete a cumprir a decisão da Corte Internacional de Justiça em todo litígio em que se parte". E quando uma das partes em um litígio deixar de cumprir as obrigações que lhe impõem a Corte, a outra poderá recorrer ao Conselho de Segurança. No artigo 95, "nenhuma das disposições desta Carta impedirá os membros das Nações Unidas encomendar a solução de suas controvérsias a outros tribunais em virtude de acordo já existente".

A JURISDIÇÃO

A Corte Internacional de Justiça, sediada em Haia, é o principal órgão judiciário das Nações Unidas. Seu estatuto integra a Carta da Organização. A jurisdição da Corte cobre questões submetidas por Estados e previstas na Carta e em

tratados ou convenções em vigor. Ao decidir, deve aplicar: convenções internacionais que estabeleçam regras reconhecidas pelos Estados envolvidos, o costume internacional como evidência da prática geral aceita como lei, os princípios gerais de direito reconhecidos pelas nações, decisões judiciais dos mais conceituados publicistas e, com o consentimento das partes envolvidas, o conceito de "ex aequo et bono" (de acordo com o que é justo e bom). Os casos apresentados à Corte têm versado sobre disputas territoriais, questões de direito do mar e de interpretação de tratados.

A Corte é formada por 15 membros, obrigatoriamente de diferentes nacionalidades. Sua composição deve refletir as principais formas de civilização e de sistemas legais. Os membros são eleitos pela Assembleia Geral e pelo Conselho de Segurança, dentre candidatos altamente renomados como internacionalistas, apresentados pelos países. Exercem mandatos de 9 anos e podem ser reeleitos. O Presidente e Vice-Presidente são eleitos para mandatos trienais. Atualmente, exerce a Presidência Humphrey Waldock, do Reino Unido, e a Vice-Presidência, Taslim Olawale Elias, da Nigéria. O Embaixador brasileiro José Sette Câmara, eleito em 1978, é juiz da Corte Internacional de Justiça, cujo mandato vigora até fevereiro de 1988. Dois outros brasileiros ocuparam também o cargo: José Philadelpho de Barros Azevedo, eleito em 1946 e Levi Fernandes Carneiro, em 1951. (Maria Amélia)

Imprensa reage à censura

Júlio Bernardes/AGIL



A censura visou a isolar da nação as manifestações ocorridas no Congresso durante a votação.

Diretas: linguagem criativa

Durante a campanha das Diretas-já, que agitou o País de janeiro a abril e levou milhões de pessoas às ruas, foi desenvolvida pela população brasileira toda uma linguagem de protesto. Cada cidadão levou o seu apoio à campanha de modo muito pessoal, o que imprimiu ao movimento uma marca de originalidade, alegria e descontração, bem no espírito brasileiro.

Em termos visuais, o amarelo foi a tônica. Foram utilizados diversos tipos de camisetas com inscrições referentes ao tema ou simplesmente amarelas - muitas das quais da seleção brasileira de futebol. Roupas, fitinhas verde-amarelas pregadas no peito, "bottons", adesivos nos carros, faixas e cartazes com propaganda: "Diretas-já", "Eu quero votar para presidente", "direto pras diretas", "Não rias de mim Argentina, nós vamos fazer melhor", etc. Bandeiras do Brasil foram levadas pelas cidades em carros ou ornamentaram fachadas de prédios e casas. Usou-se também tarjas e roupas negras, simbolizando o luto pela decretação do Estado de Emergência em

Brasília e dez municípios goianos e pela rejeição da Emenda Dante de Oliveira pelo congresso, na madrugada de 26 de abril, quinta-feira.

HINO NACIONAL

Aliados ao visual, inúmeros "slogans" se transformavam em gritos de guerra pelas ruas, nos comícios, manifestações e passeatas: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil/queremos eleger o presidente do Brasil/ já"; "Mãe eu quero/ mãe eu quero/ mãe eu quero votar/ me dá a urna/ me dá a urna/ me dá a urna pro povo não chorar"; "O povo/ unido/ jamais será vencido"; "Chora Figueiredo, Figueiredo chora/ chora Figueiredo que chegou a sua hora"; e assim por diante. O próprio Hino Nacional, muitas vezes executado, reforçou o caráter nacionalista da campanha.

Além disso, o povo encontrou múltiplas formas de protestar com o "buzinaço" - toque intermitente da buzina dos carros que em Brasília irritou particularmente o executor das medidas de

emergência, general Newton Cruz ("Cruzes", para os populares). Foi importado do Chile o "panelaço" - o bater de panelas - que sacudiu o País na terça-feira anterior a votação da emenda.

DRAGÃO

Nos comícios, pessoas fantasiadas, o surgimento do "Dragão das Diretas" - um enorme boneco feito e conduzido por artistas plásticos brasileiros, a alegoria de escola de samba representando o Ministro do Planejamento Delfim Netto, reduzido a pó no comício da Candelária no Rio de Janeiro. Em Brasília, especialmente, shows de mimica, improvisações de peças teatrais criticando importantes personagens de nossa vida pública e formação das palavras "direta-já" e "liberdade" por estudantes na rampa do congresso, durante a vigília da votação.

Tudo isso denota o alto grau de conscientização do povo que não se deixou abater pela rejeição da emenda, insistindo na velha, mas sempre atual, palavra de ordem: "a luta continua". (Marta Rosário e Lilian Mandel).

O cinema na Dante de Oliveira

Os cineastas "ainda estão fechadíssimos em torno da tese das "Diretas Já". Essa posição havia sido firmada durante a Semana do Novo Cinema Paulista, realizada em março em Brasília e que reuniu alguns cineastas de renome nacional. Como outros setores da sociedade, eles querem ver seus problemas resolvidos e julgam que, para isso, o melhor caminho é a escolha do próximo Presidente da República através de eleição direta, afirmou o presidente da Associação Brasileira de Documentaristas-ABD seção DF, Márcio Curi.

Por ocasião da votação da emenda Dante de Oliveira, dia 25 de abril, ABD-DF que congrega cerca de 80 cineastas, tinha um projeto de registrar os acontecimentos. Isto não foi possível por vários motivos, entre eles a decretação das medidas de emergência na área do DF. Durante a sessão do dia 25, o único cineasta

envolvido em um trabalho de Cinema foi Jorge Rodrigues, assistente de câmera no filme "Pátria Amada Brasil", de Tizuka Yamazaki. O filme, com lançamento previsto ainda para este ano, é um documentário-ficção ambientado nos "marcantes acontecimentos da vida nacional", como os comícios, o dia 25 de abril e a revolta dos índios no Xingu.

TIZUKA

O cineasta Jorge Rodrigues diz ter sido muito bom ter trabalhado com a equipe da Tizuka - ao todo sete integrantes. Quando se trata de tecer considerações sobre Tizuka Yamazaki, o cineasta brasileiro não poupa elogios - É uma pessoa maravilhosa, uma cabeça. Ela consegue aliar perfeitamente a amabilidade à competência do trabalho.

Jorge Rodrigues lembra como foi estafante o dia. A equipe se en-

controu na noite anterior no restaurante Tarantella, e às 7:00 horas da manhã seguinte já estava no Congresso Nacional, onde permaneceu até a madrugada, quando terminou a votação. Mas Jorge está acostumado com essa dureza: ele passou 57 dias no sertão nordestino, filmando Tigipió de Pedro Jorge, professor do Departamento de Comunicação da UnB. Tigipió deve estar "na lata" (em condições de apresentação) em junho.

Jorge Rodrigues, autor de "O Caçador" e "Mastectomia" este último Menção Honrosa no Festival Brasileiro de Cinema de 1981, finaliza o papo dizendo-se muito honrado em ter colaborado com a Tizuka nas filmagens da votação da emenda das Diretas Já, no dia 25 de abril e que ficou feliz em participar de "um acontecimento, que, afinal de contas... sorrisos diante do óbvio". (Nevinho Alarcão)

"Boa noite, O Congresso Nacional está votando neste momento a emenda Dante de Oliveira. Boa Noite!"

Este foi o noticiário apresentado no DF TV/3ª edição do dia 25 de abril, numa aparente reação da Rede Globo de Televisão à censura imposta à imprensa, durante o período das medidas de emergência.

A censura às notícias relacionadas às medidas de emergência e às mudanças na Constituição (inclusive Diretas, já), aplicada ao rádio e à televisão, foi estabelecida pelo Comando Militar do Planalto. Começou a vigorar à zero hora do dia 24 e prolongou-se até o meio dia de 26 de abril, tendo como executor o Departamento Nacional de Telecomunicações - Dentel.

Prevista pelo Decreto das medidas de emergência, a censura teria sua aplicação restrita, em princípio, ao Distrito Federal e às dez cidades goianas também atingidas pela emergência. No entanto, estendeu-se a todo o país, à medida em que as informações políticas de Brasília não podiam ser transmitidas para os outros estados e Brasília não recebia informações políticas do resto do Brasil.

Segundo Fernando Guedes, chefe da redação da TV Globo do DF, praticamente toda a equipe de jornalismo esteve voltada para as notícias políticas, durante a semana da votação da emenda. No entanto, das 97 matérias produzidas e editadas naquela semana, apenas 44 foram liberadas.

Durante os três dias em que vigorou a censura, os noticiários da Globo continham citações explícitas da impossibilidade de transmissão de matérias políticas e, de forma sutil, conseguiram transmitir o protesto dos profissionais de jornalismo daquela empresa.

Além de alguns noticiários secos e vazios, onde o telespectador tinha a nítida certeza da atuação da censura, a Globo aproveitou espaços que escapavam ao controle do Dentel, como o Globo Esporte, que teve o seu noticiário encerrado no dia 25 com a música "Apesar de você", de Chico Buarque, numa clara alusão a uma mudança política no país. Os locutores da emissora firmaram ainda a sua posição através das roupas que vestiam, que continham sempre, durante estes dias, acessórios verde amarelo.

Hoje, apesar da gravação sobre a votação da emenda das Diretas Já ter ainda a sua transmissão proibida pela censura, a Rede Globo está negociando para que o material seja aproveitado para um Globo Repórter que já está sendo estudado.

Segundo o presidente do Sindicato dos Jornalistas do DF, Hélio Doyle, esta resistência e preocupação com a informação dos jornalistas é uma novidade muito importante dentro da imprensa, pois antigamente, durante a vigência da censura pós-revolucionária, os jornalistas geralmente ficavam passivos perante a situação.

Houve ainda quem simplesmente aceitasse a censura, e para facilitar o trabalho, estabelecesse uma censura interna rápida e eficaz, como foi o caso da Rádio Planalto. Segundo o editor de jornalismo daquela emissora, Wilson Oliveira, a notícia no rádio é imediata, não tendo, portanto, tempo de passar pela censura prévia. Este também foi o caso da Rede Manchete, que, segundo o seu chefe de reportagem, Alexandre Garcia, tinha os seus jornais editados excluindo



matérias políticas. Alexandre Garcia explicou, porém, que as matérias políticas eram feitas e enviadas ao Dentel, mas não eram previstas na edição do jornal.

Além da insatisfação na imprensa, a censura provocou ainda insatisfação dentro do próprio Dentel, que utilizou censores despreparados para tal serviço, e que eram transferidos para uma função que desagradava a eles próprios. Apenas para lembrar, o Dentel é um órgão destinado a verificar falhas "técnicas" no sistema de transmissão das telecomunicações.

Os vários jornais do país que possuem repórteres aqui em Brasília, apesar de não estarem diretamente submetidos à censura, sentiram a arbitrariedade desta medida. Durante os dias em que vigorou a censura, vários repórteres fotográficos tiveram os seus equipamentos apreendidos, alguns ainda sem devolução. Milton Guran, fotógrafo da Agil Fotojornalismo, argumenta que existia uma recomendação expressa de "empastelar" os repórteres fotográficos, na medida em que a foto oferece um registro verdadeiro e evidente. Por este motivo, inúmeros filmes foram apreendidos.

O Jornal Última Hora de Brasília, teve, além de duas máquinas apreendidas, um repórter e um fotógrafo presos. Segundo Eduardo Franklin, chefe de reportagem daquela empresa, a UH pretende entrar na Justiça, dando uma queixa do desaparecimento do material.

A censura, tão rigorosa e abrangente, foi efetiva, apesar da resistência do telejornalismo. Algumas alternativas na tentativa de manter a população informada foram realizadas, das maneiras mais diversas possíveis. Aqui, dentro da cidade, a população se mantinha informada através dos três jornais locais. Com isto, estes jornais aumentaram significativamente as tiragens nos dias 24, 25 e 26, mas, mesmo assim, os exemplares esgotaram nas bancas, bem como os exemplares de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo vendidos em Brasília.

Vários deputados dos partidos de oposição colocaram o telefone de seu gabinete ou de sua casa a disposição das populações de outras capitais durante a votação da emenda Dante de Oliveira, para informar a respeito da sessão. Estes telefones mantinham contato diretamente com as assembleias legislativas, principalmente de São Paulo.

A alternativa à informação mais interessante e abrangente foi, sem dúvida, o telefone das diretas montado em São Paulo pela Telesp juntamente com a Folha de São Paulo. No dia 25, 70 mil paulistas ligaram para Brasília para o telefone das diretas procurando obter informações sobre a votação da emenda Dante de Oliveira. (Silvana de Freitas e Jurema Campos).

Falta de sangue no Brasil pode provocar caos

São quase totalmente importadas, a albumina e os fatores de coagulação — Fator VIII e IX, proteínas do sangue que são utilizadas na terapêutica humana no país. Essa importação dificulta a sua utilização na aquisição rotineira e o seu estoque para atender as situações de catástrofe. Além de não haver possibilidade de as substituir por medicamentos análogos em virtude de sua natureza química.

Segundo dados da Fundação Hospitalar do DF, em 1980, gastou-se cerca de US\$ 400.000 na região de Brasília para aquisição de material. Neste ano, espera-se uma despesa de importação para o Brasil no valor de US\$ 70.000.000. No momento a UnB desenvolve o projeto de desenvolvimento tecnológico de obtenção de proteínas plasmáticas humanas, que visa a produção dessas proteínas para melhor atendimento da micro-região geoeconômica de Brasília, com o apoio do Instituto de Saúde do DF, e através do HEMOCENTRO (órgão que cuida do controle de qualidade de todo o sangue coletado na Fundação Hospitalar do DF).

INTERESSE

Como o país não dispõe ainda de independência tecnológica para o processo das diversas proteínas plasmáticas em quantidade suficiente para o atendimento adequado da população, "o principal interesse desse projeto é otimizar as técnicas de obtenção de albumina e fatores de coagulação (fatores VIII e IX) a partir do plasma humano de maneira seqüencial para me-

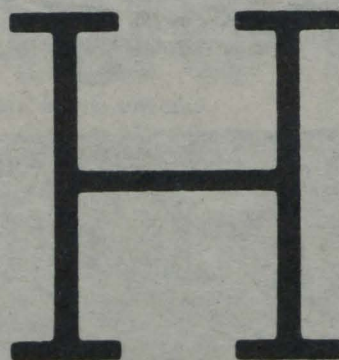
lhor aproveitamento da matéria-prima: o sangue". Kumiko Mizuta, executora do projeto e professora de Biologia celular diz que o objetivo específico será o desenvolvimento do processo no nível de bancada, em escala de laboratório, na primeira fase que deverá ir até julho de 85, e a transferência dessa tecnologia a nível de produção na segunda fase.

PESQUISA

Uma das proteínas, a albumina é de uso extensivo, nos casos de queimaduras, operações, perda de fluidos fisiológicos. As outras proteínas, os fatores VIII e IX, são medicamentos estritamente essenciais para a vida dos hemofílicos, pois eles dependem de uma média de quatro unidades equivalentes desses fatores por mês. A professora Kumiko ainda disse, que no decorrer da pesquisa, será dada uma atenção especial ao controle de qualidade do produto final, através de testes de atividade, ensaio biológico e outros.

Além de Kumiko Mizuta, estão participando da pesquisa quatro professores da UnB, do Departamento de Biologia Celular Hiroaki Ikemoto, Rui de Araújo Caldas, Waldenor Barbosa e mais três pesquisadores contratados pelo convênio, além da diretora do HEMOCENTRO, Marisa Naves Ribeiro e colaboradores do mesmo órgão. Segundo a executora, o trabalho é independente, mas nada impede que tenha a participação de estagiários no projeto.

(Maria Cristina Bezerra)



OMEOPATIA

Chás caseiros voltam a curar os males do País

tórios, para o cultivo em média e grande escalas.

O farmacêutico Rogério conta que a idéia de produzir plantas medicinais surgiu das dificuldades de se encontrar medicamentos de origem vegetal. Se um farmacêutico necessitasse com urgência de uma planta, teria que importá-la a preços caríssimos.

Nas três chácaras de Rogério e Donizete, uma com 4 hectares, no Núcleo Rural de Vargem Bonita e outras duas no Núcleo Rural de Tabatinga, com 15 hectares cada uma, as plantas são cultivadas de maneira científica. O solo é preparado adequadamente, baseado em informações climáticas e utilizando-se práticas modernas de cultivo, como a rotação de culturas.

De maneira alguma são utilizados herbicidas e o adubo deve ser orgânico (restos de outras vegetações), pois o químico, às vezes, pode modificar a composição das plantas. Os empregados que trabalham na produção devem, obrigatoriamente, conhecer a flora medicinal. Caso contrário, poderiam limpar um terreno arrancando partes importantes de uma planta, por exemplo.

Dezenas de espécies de ervas, já de amplo conhecimento popular, somente agora estão começando a ser produzidas em escala comercial nessas chácaras: Quebra-Pedra (receitada para fazer pedras nos rins), Bardana, Sabugueiro, Arnica, Boldo, Catuaba, Sene (para prisão-de-ventre), alcachofra, Mastruço, PauPeireira, Açolta-Cavalo e outras.

Eles pretendem também cultivar oito hectares de Camomila e um de "stevea", uma planta que substitui o açúcar e é utilizada nos casos de diabetes e emagrecimento.

CHAS X CRISE

De repente, os brasileiros redescobriram as antigas e famosas propriedades curativas dos "chás caseiros". A difícil situação econômica e a importação de insumos para a produção de medicamentos, com o seu consequente encarecimento nas farmácias, vem fomentando o consumo alternativo de plantas medicinais. Isto, apesar dos obstáculos criados pelo capital estrangeiro, que domina a produção e comercialização de medicamentos no país, e da falta de ética publicitária na divulgação desses produtos.

Rogério, um farmacêutico que se coloca a favor do uso das drogas que foram substituídas pela moderna farmacologia, acha que a "Redenção da indústria farmacêutica Brasileira" está na comercialização dos chás caseiros, assim como na utilização de plantas medicinais na fabricação de drogas mais sofisticadas.

Hoje, a pesquisa com ervas está sendo encarada com muita seriedade, e são feitos estudos profundos — como classificação das plantas, os aspectos ecológicos, morfologia e fisiologia — para conseguir uma produção de alta qualidade, que será utilizada na confecção de remédios mais baratos, visando evitar a importação de insumos. (Ana Cristina Sampaio)

INFORMÁTICA

Nova política em discussão

Não só o direito de escolher o seu presidente pelo voto direto está provocando controvérsias no Congresso Nacional. A transformação em lei de uma política de informática no Brasil também vem sendo tema de debates e discussões. A discordância básica geradora de toda a polêmica criada em torno desta potente indústria nasceu da reserva de mercado adotada pela SEI (Secretaria Especial de Informática) que contraria os interesses de grupos financeiros internacionais instalados no país.

A afirmação do secretário norte-americano George Shultz de que um país que trilha o desenvolvimento com seus próprios meios "estará fazendo mal a si mesmo", demonstra as pressões que a política brasileira vem so-

frendo pelos setores aliados às multinacionais. Mas estas pressões não se manifestam apenas a nível externo. Também a nível interno existem interesses de alguns empresariais que, comprometidos com o lucro imediato, se posicionam a favor do projeto do Senador Roberto Campos (PDS-MG) propondo a abertura das fronteiras às multinacionais.

Se a oposição luta em favor de uma política eleitoral mais justa para o país, o mesmo ocorre a nível da política de informática onde grupos de empresários, políticos, membros da SEI e profissionais da área, liderados pela Deputada Cristina Tavares (PMDB-PE), tentam r o projeto do Senador do PDS que vê no capital estrangeiro o único meio capaz de proporcionar ao país "salto tecnológico".

DEPENDÊNCIA

Por outro lado, Milton Selligman, para assuntos de informática da Fundação Pedrosa Horta (PMDB) defende uma política nacionalizante de fechamento de fronteiras nacionais, afirmando que "tecnologia e habilidade não se compra nem se importa, se conquista. Daí a necessidade de proteger o nosso mercado para sair da dependência tecnológica em que nos encontramos. Só seremos independentes à medida que formos capazes de abastecer o nosso mercado com um produto feito por nós".

Segundo Selligman, desenvolver a nossa tecnologia própria significa investir nos nossos recursos humanos, na área de tre-

namento. A reserva de mercado, explica Selligman, pesará mais para o setor industrial de informática que deverá pagar mais caro pelo produto genuinamente brasileiro. No entanto, esta é a medida mais justa do ponto de vista social para fazer florescer o setor de informática voltado para a realidade brasileira e sustentando por este mercado em potencial que tem o Brasil, o 7º do mundo.

SOBERANIA E DIVERGENCIAS

O assessor lembra que a informática é um dos mais importantes segmentos garantidores da preservação da cultura de um povo e da soberania de um país, por isso a urgência de dominar o ciclo tecnológico da informática.

Milton Selligman disse que o fato de concordar com uma medida nacionalista da SEI que é reserva de mercado, não significa estar totalmente de acordo com toda a política por ela traçada. Ele a condena quando, por exemplo, considera a informática na ótica da Segurança Nacional. Ele acredita que esta atitude da SEI não é nada democrática pois a informática, como questão pública, é um setor sobre o qual deve decidir toda a nação. Da mesma maneira, discorda da SEI no que se refere à política de emprego já que esta não considera a opinião dos sindicatos, principais envolvidos. No entanto, Selligman deixa claro que na campanha pela tecnologia nacional o PMDB está com a SEI.

(Walcyra Santia)

Norte

minhocão

Sul

EPB II em
novo estilo

O Departamento de Geografia e História e o Instituto de Ciências Humanas realizam este semestre seminário sobre as "Condições Institucionais do Desenvolvimento Brasileiro", para os alunos de graduação e público em geral. As palestras serão desdobradas em três etapas, na segunda quinzena de cada mês, das 20h30m às 22h30m, no anfiteatro 9. As primeiras palestras começaram na semana passada.

Para os alunos de graduação da UnB é exigido como pré-requisito a disciplina EPB I, correspondendo o seminário a EPB II. O critério adotado para menções é o de crédito concedido (CC), com frequência mínima de 75%.

Segundo o prof. Cabral, a idéia partiu do Decanato, Reitoria e DAA, mas foi bom para os professores porque diminuiu o número de turmas. No semestre passado, chegavam a 10, agora são apenas quatro. Ele também informou que a avaliação será uma prova final baseada na bibliografia dada, que estará à disposição na biblioteca. Se os resultados da experiência forem positivos, existem planos para implantação do mesmo sistema em EPB I.

O programa de atividades encontra-se à disposição dos interessados no balcão de atendimento do DAA. (Idhelene Shirilene)

Um interessante projeto vem sendo desenvolvido pelo Departamento de Agronomia e Engenharia Florestal na área de pesquisa: a criação de ovinos no cerrado.

O projeto começou a ser implantado em 1982 e não tem prazo fixado para seu encerramento, isto porque, segundo explicou o Professor Roberto Meireles de Miranda, um relatório final de tais pesquisas só pode ser definido após alguns anos de sua implantação.

O CERRADO
Este arrojado programa começou a ser desenvolvido na Fazenda

LAZER

O Centro de Vivência, previsto no projeto original de Oscar Niemeyer para a UnB, permanece no papel. Há cerca de dois anos, a administração da Universidade, através do LEAU (Laboratório Experimental de Arquitetura e Urbanismo), pediu ao Departamento de Arquitetura um projeto para um Centro de Lazer. O projeto prevê papelaria, banca de jornais e revistas, tabacaria, sapataria, bar e lanchonete. Este centro de convivência seria uma espécie de ponto de encontro, onde alunos, professores e servidores se reuniram para informar, discutir e opinar sobre os diversos acontecimentos da Universidade. (Fernando Cobra)

Cerrado poderá produzir lã.

da Água Lima, com o apoio do CNPq, que destinou verba ao projeto para a compra do rebanho (19 cabeças). Agora, a criação já se reproduziu, aumentando o rebanho para 50 cabeças.

Meireles, professor de Zootecnia, de melhoramento animal e de introdução à agronomia, é o coordenador do projeto e esclarece que pretende aumentar a área de pastagem e o número de cabeças do rebanho, com o auxílio da FINEP (Financiadora de Projetos de Pesquisa para Universidades).

Existem no Brasil duas áreas

de criação de ovinos: a do Sul, produzindo carne e lã de alta qualidade, e a área do Nordeste, que além de carne produz pele para comercialização.

A idéia do Professor Meireles é a de se pesquisar a potencialidade do cerrado que, segundo ele, apresenta uma série de condições favoráveis, e desenvolver aqui um novo pólo de criação de ovinos.

Na FAL existem pastos diversificados (dois de andropogum e um de grama pensacola) incluindo dois pastos nativos, isto é, o

próprio cerrado, onde são criados os ovinos.

E feita uma tosquia anual e a lã, já transformada em fio é enviada ao Departamento de Desenho onde é aproveitada em aulas artesanais. Mas, entre as idéias do Prof. Meireles e sua equipe, está a de se produzir lã em quantidade suficiente para a comercialização e posterior consumo pela população.

O projeto beneficia, ainda, os estudantes do Departamento que fazem lá seus trabalhos finais de pesquisa. (Fran e Márcia)

Biblioteca da UnB
dispõe de raridade

O que você faria se, de repente, precisasse de um artigo que Nelson Rodrigues tenha escrito em 1958, para a revista "O Cruzeiro"? Ou se fosse de vital importância para um seminário final a leitura de um livro raro, cujo único exemplar no Brasil se encontra na biblioteca municipal de Crato, no Ceará? Ou, ainda, você quer estar por dentro das últimas descobertas da física sobre o campo unificado e a USP é a única universidade brasileira a dispor de documentação atualizada sobre o assunto?

Graças ao COMUT — Programa de Comutação Bibliográfica

— o acervo das principais bibliotecas do País e o conteúdo de 120 mil periódicos especializados estão à sua disposição, independentemente de onde esteja o documento bibliográfico original. A Biblioteca da UnB pertence à rede COMUT para obter a bibliografia desejada, se esta existir, será localizada no Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos. Depois, você espera uma semana, duas no máximo, e recebe uma cópia na Biblioteca da UnB ou no local que preferir, pagando apenas as despesas de xerocagem. Não é cômodo? (Alessandro Gagnon Galvão)

ENCONTROS

O Departamento de Letras está promovendo, sob a coordenação da Profª Mirian da Matta Machado, os Encontros Quinzenais de Linguística. As inscrições podem ser feitas na secretaria do Departamento de Letras, após o pagamento, no Banco do Brasil, Agência SUNIV, da taxa de Cr\$ 2.000,00 (alunos) e Cr\$ 4.000,00 (Prof.). Os encontros serão no módulo de linguística.

O programa dos próximos encontros: dia 30/05 - Profª Stella Maris Ricardo: "Variação Linguística e Redes Sociais"; dia 13/06 Profª. Matta Machado: "Natureza e percepção da quantidade vocálica em português"; dia 27/06 Profª. Ângela Feitosa: "Linguagem e Percepção Auditiva". (Cláudio Araújo Reis).

Ofertas Válidas
até 30/06/84

Faça como Aristóteles, Platão, Araújo Castro, Duverger, Darwin,
Morus e Shakespeare: Entre para o Clube do Livro da UnB.

Esta Lista é uma amostra dos 500 títulos que a Editora Universidade de Brasília lhe oferece e que você pode adquirir em qualquer Agência Bradesco, onde estará sempre um cupom à sua disposição. Você obtém também os nossos livros preenchendo o cupom abaixo e remetendo cheque nominal à Fundação Universidade de Brasília-Editora, ou utilizando o seu Cartão Credicard, ou ainda o reembolso postal. Se você adquirir o mínimo de três títulos, automaticamente ingressa para o Clube do Livro da UnB, passando a ter descontos especiais na compra de nossos livros.

00027	Teoria Política Grega (vol. 2) - Sir Ernest Barker	3.900,00
00035	Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio (vol. 3) 2ª edição - Maquiavel	3.600,00
00078	Paz e Guerra entre as Nações (vol. 7) - Raymond Aron	6.000,00
00108	O Antigo Regime e a Revolução (vol. 10) 2ª edição - Alexis de Tocqueville	1.900,00
02828	Sociedade e Liberdade (vol. 16) - Ralf Dahrendorf	2.300,00
00175	Teoria das Formas de Governo (vol. 17) 3ª edição - Norberto Bobbio	1.600,00
00167	Estudos Políticos (vol. 18) - Raymond Aron	4.000,00
02381	Governo Comparado (vol. 20) - Samuel Finer	4.400,00
00264	Teorias da Revolução (vol. 28) - S. Cohan	1.700,00
05223	A Prática da Política (vol. 34) - K. W. Watkins	1.100,00
05240	A Política (vol. 36) - Giovanni Sartori	2.300,00
06556	Em Defesa da Política (vol. 41) - Bernard Crick	1.400,00
02941*	Partidos e Sistemas Partidários (vol. 43) - Giovanni Sartori	6.950,00
04987	O Poder em Cena (vol. 46) - Georges Balandier	1.000,00
03069	Uma Teoria da Justiça (vol. 50) - John Rawls	4.000,00
02747	Pensadores Políticos Comparados (vol. 52) - Ross Fitzgerald	2.700,00
08397*	As Grandes Obras Políticas de Maquiavel a Nossos Dias (vol. 55) - Jean-Jacques Chevallier	2.550,00
03344*	Os Fundamentos da Liberdade (vol. 56) - F. A. Hayek	5.520,00
04456	Os Filósofos Sociais (vol. 59) - Robert Nisbet	3.800,00
03107	A Política no Interior das Nações (vol. 60) - Joseph LaPalombara	4.700,00
05061	O Espírito das Leis (vol. 61) - Montesquieu	6.000,00
00302	Conjecturas e Refutações - Karl Popper	3.800,00
00329	Um Sentido do Futuro - Jacob Bronowski	1.700,00
03727*	Tornando-se Moderno - Alex Inkeless e David Horton Smith	3.800,00

03786	As Etapas do Pensamento Sociológico - Raymond Aron	10.030,00
03590	A Sociedade Bloqueada - Michel Crozier	1.800,00
14966*	Origens (2ª edição) - R. E. Leakey e R. Lewin	14.910,00
06009*	A Escalada do Homem - Jacob Bronowski	11.470,00
06114*	Cosmos - Carl Sagan	21.760,00
08737*	A Origem das Espécies - Charles Darwin	14.910,00
08818*	Carmina Drummondiana - Silva Belkior e Carlos Drummond de Andrade	8.500,00
05576*	A Evolução da Humanidade - R. E. Leakey	14.910,00
05584*	A Vida na Terra - David Attenborough	11.470,00
03557*	Massa e Poder - Elias Canetti	9.940,00
04791*	Poesia - Ezra Pound	10.200,00
04776	A Democracia Grega - Hélio Jaguaribe (org.)	1.300,00
07013*	Bucólicas - Virgílio	5.220,00
07081*	Comédias - Shakespeare	6.800,00
05339*	A Cidade Antiga - Fustel de Coulanges	8.070,00
04588	História da Guerra do Peloponeso - Tucídides	5.000,00
02313*	Eneida - Virgílio	2.100,00
03531*	A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo - Max Weber	2.420,00
03018	Fidalgos e Filantropos - A. J. R. Russel-Wood	3.300,00
03581	Sua Majestade o Presidente do Brasil - Um Estudo do Brasil Constitucional (1889-1934) - Ernest Hambloch	1.700,00
03832	Planejamento Estratégico - Golbery do Couto e Silva	2.800,00



Editora Universidade de Brasília

Campus Universitário - Asa Norte Cx. Postal 153001

Quero receber os livros de códigos:

Nome

Endereço

Cidade Estado CEP

Credicard nº Validade

Data

assinatura

☐ REMETA-ME CATÁLOGO COMPLETO



Última parada da passeata, os estudantes cantam o Hino Nacional. Um policial é descoberto e lança a primeira bomba.

Fotos de Moreira Mariz

Gentileza "A Folha de S. Paulo"



PASSEATA DESFEITA POR BOMBAS

E essa agora?

Tínhamos saído em passeata e entramos na L-2 Norte. Que loucura! Os professores haviam nos acompanhado somente até os limites da Faculdade de Educação, pois sua assembleia decidira uma passeata apenas no interior do campus.

Paciente e ousadamente os motoristas bloqueados nos observavam e começaram a buzinar e piscar os faróis. Lembranças de 24 de abril.

Seguíamos pela L-2 no sentido Norte-Sul até o Clube Vizinhança da Asa Norte. Lá a passeata parou, cantou o Hino Nacional e pegou a pista no sentido Sul-Norte. As pessoas, que dos blocos nos haviam aplaudido, desceram e alguns até se juntaram a nós. Uma trouxe uma bandeira verde e amarela e ganhou uma salva de palmas. Lembrança de 82. Um camburão já nos seguia e pela contra-mão passou um fusca preto de luz acesa.

Paramos em frente ao Colégio da Asa Norte e cantamos outra vez o Hino. Estávamos nos últimos acordes quando um rapaz ao meu lado "gritou" "Ali, ó! Tá armado!" Um sujeito saiu da passeata correndo, segurando entre as mãos não uma arma de fogo e, sim, uma bomba de gás. Parou ao lado de três fusquinhas estacionadas na contra-mão da outra pista e — com mais três outros policiais — lançou as bombas.

BOMBAS

As bombas não explodiram como eu esperava; ao quebrarem-se seus invólucros, o conteúdo vaporizava-se ao contato com o ar. Uma fumaça cinza-clara espalhou-se gradualmente a adentro o

pátio do Colégio. A democracia de passeata começou a dar suas caras, ou seja, o cacete é socializado. Quem vacilar, toma! Sai da frente, pois estava bem no meio das bombas. Abri espaço e comeci a observar a cena. Uma amiga paraplégica, a Dirce foi levantada por um companheiro que veio na minha direção. Peguei-a no colo e corri até perto da L-3. Deixei-a no colo de outro companheiro, que saiu correndo com meu braço preso. Pô, larga cara!

Voltei e fui ver como estava o primeiro companheiro, pois ele, ao me entregar a amiga, estava sendo agarrado por um dos policiais. Já havia se soltado. Porém, o presidente da UNE estava sendo preso. Confesso que até pensei em deixá-lo, mas a solidariedade foi mais forte e fui com mais cinco chegando perto dos fusquinhas já estacionados na entrada do colégio. Ao começarmos a chamar os outros que estavam perto para nos ajudar, um dos policiais sacou a arma e nos apontou. Entendemos a mensagem rapidamente e corremos em direção ao campus. Perto do Bandeirão, alguém gritou: "Tropa de choque!" E era mesmo! Um caminhão acabara de estacionar ao lado do Restaurante e descarregou os seus soldados. Ficamos observando de fora e procuramos um telefone. Encontrado um, ligamos para as lideranças do PT e PMDB, para que tentassem impedir o pior. Em todo caso, os soldados voltaram aos carros e foram embora. Três companheiros tinham sido presos. Presos também foram as mulatas da Dulce. *Penninha.*



Dos fusquinhas na contra-mão saem os outros federais que lançam as suas bombas, ao fundo os estudantes do Colégio da Asa Norte. Começa a debandada e cai a estudante paraplégica.